

FOGUETÃO

SEMAMARIO JUVENIL PARA O ANO 2000

ANEDOTAS
ESPACIAIS



— QUE DISPARATE! «MARIANOS DESCEM NUM DISCO VOADOR!» SEMPRE INVENTAM CADA UMA! AH! AH!



— NÃO TERIA SIDO MELHOR ESPERMOS QUINZE DIAS, PARA QUE A LUA ESTIVESSE INTEIRA?

Pertence a este número uma separata com o

Jornal da B P

Leiam o primeiro episódio da aventura

«O CIRCUITO FANTÁSTICO»

OS MISTÉRIOS DA ALTA ESPIONAGEM:

O SOL NEGRO



NESTE NÚMERO:
CEM MANEIRAS
DE IR À LUA



Copyright by Editions J. Dupuis, S.A. de Cin. Marcinelle - Belgique

O MEU COLEGA FICOU A GUARDA-DA-DE O CARRO, VENHA CONVOSSO, POR FAVOR, SENHOR!

ESSE RAPAZ DEVE-LHE A VIDA, ME VALENTE. ESPERO QUE AS SUAS DECLARAÇÕES PERMITAM PASSAR LUZ NO CASO.

OMALÁ, SENHOR COMISSÁRIO, POR MEU LADO, VOU VER SE CONSIGO...

PERDERIA O MEU TEMPO SE TENTASSE IMPEDI-LO, EIS A IDENTIDADE DO FERIDO: JEAN MARCHAND, JORNALISTA, PARECE QUE SABIA DEMAIS, NÃO? SE PRECISAR DE OUTRAS INFORMAÇÕES...

FIQUE, MR. VALENTE.

DICA LÁ: ESQUECEU-SE DO "PASSARINHO QUE VAI BAIR"?

CONTINUA

Asterix O GUERREIRO GAULÊS



O ÚLTIMO ASSALTO

Para a grande maioria dos nossos leitores — todos aqueles que estão a estudar —, principiou já, com a fase mais intensa do terceiro período escolar, o último assalto, o derradeiro «round», o quarto de hora final do grande desafio... Se recorremos a esta linguagem «desportiva», não é, bem entendido, porque se trata de uma «luta» com os mestres, de um duelo em que tenha de haver vencedor e vencido. Com aquelas palavras, queremos apenas significar, de forma expressiva, que — tal como o pugilista ou o jogador de futebol que, nos últimos momentos, faz um apelo a todas as suas energias para não ir ao tapete ou não perder o encontro — também o estudante tem, nestas últimas semanas de aulas, de se empregar a fundo para não ser eliminado.

Aqueles que estão mais atrasados, queremos dirigir particularmente uma palavra de esperança: Ainda não é tarde! Lancem-se ao trabalho com entusiasmo, sigam atentamente as lições, procurem reparar as brechas mais profundas no vosso dispositivo de defesa (continuamos a recorrer à linguagem do desporto), mostrem aos mestres, bem claramente, o propósito que os anima de mudar a face ao jogo, e podem ficar certos de que serão eles os primeiros a auxiliá-los, a dirigir-lhes palavras de incitamento e de aplauso, na esperança de os poderem aplaudir no final do «desafio».

Vamos a isto, rapazes e raparigas!

Piloto Chefe

Respondendo PRESENTE! à chamada do «Fogueteão», os jovens portugueses começam a dizer-nos o que pensam que virá a ser

O MUNDO NO ANO DOIS MIL

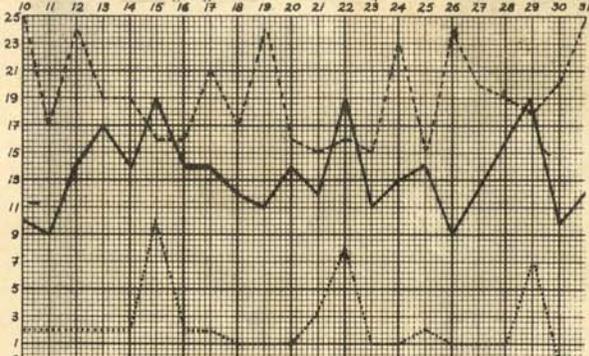
Só quem por completo desconhecesse o espírito de curiosidade da gente nova dos nossos dias podia supor que ela ficaria indiferente ao inquérito aberto no n.º 2 do «Fogueteão». Por meio desse inquérito procurávamos — e procuramos — averiguar o que pensam do mundo futuro os rapazes e as raparigas de hoje, que no ano 2000 terão... os seus 50 ou 60 anos bem puxados. O que serão as máquinas no século XXI? Como nos vestiremos? Que casas habitaremos? Qual será o nosso sistema de alimentação? Eis algumas das muitas perguntas que, naturalmente, ocorrem ao espírito dos que encaram o longínquo ano 2000 — não tão longínquo como isso, afinal... —, com os seus múltiplos problemas.

Têm a palavra os novos! — dissemos. —, com os seus múltiplos problemas. Têm a palavra os novos! — dissemos. —, com os seus múltiplos problemas. Têm a palavra os novos! — dissemos. —, com os seus múltiplos problemas.

FOGUETÃO PASSA À ESCUTA E RESPONDE...

Conforme prometemos na semana passada, voltamos hoje ao assunto dos espetáculos para maiores dos 12 aos 17 anos, que, segundo a queixa formulada por um grupo de leitores, seriam em número insuficiente.

Como não há linguagem mais



expressiva do que a dos números, demos-nos ao trabalho de contar os espetáculos anunciados no «Diário de Notícias» durante três semanas — de 10 a 31 de Janeiro — em referência a Lisboa. E chegámos à conclusão de que os nossos jovens correspondentes não tinham razão para as suas reclamações, visto durante aquele período, escolhido ao acaso e que bem pode servir de modelo,

NÃO ESCASSEIAM OS ESPECTÁCULOS CINEMATOGRÁFICOS PARA MENORES DOS 12 AOS 17 ANOS (EM LISBOA)!

o mínimo de espetáculos para rapazes dos 12 aos 17 ter sido de oito num só dia, chegando a atingir no dia 29 (um Domingo) as duas dezenas. Aliás, aos Domingos, e muito compreensivelmente, o número desses espetáculos aumenta quase sempre. Verificámos, entretanto, que os espetáculos para todos (isto é, aqueles a que se pode assistir a partir dos 6 anos) esses sim: eram pouquíssimos, havendo mesmo dias em que não se realizava nenhum.

sendo, porém, verdadeira a recíproca... Para terminar e repetindo: não tem razão o «grupo de admiradores dos 12 aos 17 anos» que se nos dirigiu, pelo menos no que diz respeito a Lisboa.

E, já que estamos tratando com rapazes que devem frequentar o segundo ou o terceiro ciclo dos liceus ou escolas de ensino médio, afigura-se-nos que nada melhor para os elucidar do que o gráfico que publicamos juntamente. A linha pontilhada representa os espetáculos para todos (a partir dos 6 anos); a linha tracejada os espetáculos para adultos; e, finalmente, a linha cheia os espetáculos para maiores de 12 anos — os que, sobretudo, nos interessam.

Esperamos, pois, que os nossos prezados correspondentes se sintam satisfeitos — com esses números, com esses espetáculos e com o nosso propósito de os informar e orientar.

ACABARAM-SE DOIS DOS FLAGÉLOS DA VIDA DOMÉSTICA: A COZINHA E A CASA DE JANTAR!

— garante a Maria Teresa de Sousa



Desde os mais remotos tempos, desde a Idade da Pedra, todos os homens tiveram a necessidade absoluta de se alimentarem. No entanto, estes homens não comiam com os requintes de hoje, nem comidas tão variadas como nós comemos. Alimentavam-se, antes, do que podiam encontrar e sem ser cozinhado: plantas, carnes dos animais que caçavam, aproveitando as peles destes para se defenderem dos caprichos do tempo, alguns peixes que podiam pescar e mais nada.

Com a evolução dos tempos, houve uma descoberta que foi capital na história da alimentação: o fogo. Não se sabe ao certo se foi descoberto pelo homem, se produzido por qualquer causa natural, como por exemplo um raio. O que sabemos é que foi de uma importância extraordinária.

Desde então, o homem começou a preocupar-se mais com a sua alimentação. Começou a ocupar-se de cozinhar os alimentos que arranjava, a variar de vez em quando a sua comida e a preocupar-se mais com os tais requintes. Até que chegámos aos dias de hoje onde os manjares alcançaram o seu auge de variedade e que até a culinária é quase considerada uma arte.

No entanto, a vida tende grandemente a simplificar-se e aumenta cada vez mais o número de alimentos que, devidamente preparados, são enlatados, enfrascados, ou empacotados e dispostos a que, sem nenhum trabalho, seja só — abrir a boca e mastigar.

Por isso não nos custa a crer que no ano 2000, embora para ele apenas faltem 39 anos, a alimentação seja feita por meio de comprimidos contendo as principais vitaminas necessárias ao nosso organismo. Não nos devemos, no

entanto, admirar, que aquelas pessoas a que nós vulgarmente chamamos comilões, isto é, aqueles que sentem um prazer tal em comer que para eles a vida sem isso seria vazia, não concordem com a redução da alimentação às pituças, que com um pouco de água está pronta a refeição.

Deduzindo desta maneira, acho que no ano 2000 serão banidos da vida doméstica dois dos seus principais flagélos: a cozinha e a casa de jantar.

Maria Teresa de Oliveira Guimarães de Sousa
Idade: 14 anos
4.º ano, no Liceu de Oeiras

PRÉDIOS COM 100 ANDARES! BOTÕES PARA CARRREGAR E OBTER LOGO AS REFEIÇÕES!

— é a previsão do Daniel de Matos



O ano 2000, no meu pensar, será um ano com muita fantasia e totalmente atualizado.

Não haverá automóveis, mas sim umas pequenas naves espaciais, que se comprarão como hoje se compra um automóvel. Os prédios terão para cima de 100 andares e garagens ao lado, havendo um compartimento para cada veículo. As pessoas viverão despreocupadas, rodeadas de todas as comodidades, uma das quais será a de não haver criados (nem criadas), pois tudo será comandado por uns simples botões colocados ao alcance da mão, fazendo funcionar várias máquinas que lavarão os pratos, farão os almoços e jantares, etc.

Há um pomoroso curioso sobre as nossas futuras refeições: haverá uma máquina que trará várias ementas escritas em pequenos cartões e numeradas, tais como as máquinas de discos que hoje existem em pastelarias e outras casas. Então, a pessoa que desejar, por exemplo, a ementa n.º 31 só terá que

(Continua na página 5)

QUEM GANHARÁ A PRIMEIRA MEDALHA DE PRATA ATRIBUÍDA AO MELHOR SOLUCIONADOR DO «FOGUETÃO»?

Gostavam de saber? Também nós, mas, por enquanto, ainda é cedo! A nossa redação tem chegado e continuam a chegar as soluções das palavras cruzadas e do problema policial. Essas soluções vão sendo separadas e classificadas — trabalho que não é nenhuma brincadeira! — para, no fim, conscientemente e conscienciosamente podermos proclamar o vencedor. Como já explicámos nos números anteriores, só ao fim de cada mês se fará a totalização dos pontos para designar o campeão, o decifrador que arrebatará a medalha de prata — e que pode muito bem ser uma decifradora...

Alerta, pois, rapazes e raparigas! As respostas — dizemo-lo mais uma vez — devem dar entrada na nossa redação no prazo de seis dias, isto é, até à véspera da saída do «Fogueteão» imediato àquele a que elas se referem.

Lápis em punho! Vamos ver quem ganha a preciosa medalha!

Das respostas, duas ante-visões de um futuro ao alcance dos jovens-1961. Tu que dizes, rapaz que nos estás lendo? És da mesma opinião? Não concordas? Então porque estás em dúvida? Os debates são livres! Quem sabe se a tua resposta não será a de um novo Júlio Verne, arquiteto de fantasias que o tempo transformará em realidades? Responde, portanto, e diz-nos

O QUE PENSAS QUE VIRÁ A SER O ANO DOIS MIL!

FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL

Director: ADOLFO SIMÕES MULLER

Editor: M. M. Motta Cardoso — Propriedade da E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composição e Impressão nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal

O PLANETA DESCONHECIDO



ATENÇÃO À CABINA DE PILOTAGEM! ACELERAÇÃO MÁXIMA!

QUE SE PASSA AÍ NA CASA DAS MÁQUINAS?

UM DOS NOSSOS HOMENS ESTÁ FERIDO! E OS REACTORES NÃO RESPONDEM NORMALMENTE!

REPAREM AS AVÁRIAS IMEDIATAMENTE! TENTAR!

VAMOS AÍ MAIS ALGUÉM NO EXTERIOR DA NAVE?

FELIZMENTE NÃO! ELES FORAM OS PRIMEIROS A SAIR!

ENTRETANTO, DISTANCIAM-SE À RAÇÃO DE UMA MILHA POR MINUTO! TEMOS QUE FAZER QUALQUER COISA!

MAS, O QUÊ?!

NÃO SEI, DR. GALILEU! MAS TEMOS QUE FAZER QUALQUER COISA! OS NOSSOS AMIGOS ESTÃO PERDIDOS NO

ESPAÇO E É PRECISO SALVÁ-LOS! TENHO UMA IDEIA!

A CIENTISTA VEGA OBERON TENTA ASSIM DESCOBRIR UMA SOLUÇÃO PARA SALVAR OS COMPANHEIROS, AO PASSO QUE O SÁBIO GALILEU HIPEBION DESSESPERA JÁ DE OS ENCONTRAR...

UMA IDEIA, DR. GALILEU! ESTES RADARES ELECTRICOS! LIGUEM-LHES UNS CABOS COMPRIDOS E PONHAM-NOS NOS LANÇAS-TORPELOS!

ASSIM FAREMOS, VEGA!

MAS JÁ VEGA OBERON SE PRECIPITARIA PARA O MICROSCÓPIO CURANDO ENTRA EM CONTACTO COM O CAPITÃO MARTE.

PROFESSORA VEGA AO CAPITÃO MARTE! VAMOS DISPARAR OS NOSSOS RADARES ELECTRICOS NA VOSSA DIRECÇÃO! CALCULEI O MELHOR POSSÍVEL A VOSSA POSICÇÃO! TENTEM AGARRAR OS CABOS!

AQUI, CAPITÃO MARTE! SUSPENDA, PROFESSORA!

A SUA IDEIA É EXCELENTE, MAS, PRIMEIRO, MANDE INSTALAR COMANDOS NOS RADARES...

ANIMEM-SE, RAFAEL! VÃO LANÇAR-VOS UM SALVA-VIDAS...

NÃO HÁ DÚVIDA! ESTA É A MANDAR EN MI!

...DESTE MODO, SE UM DE NÓS CONSEGUIR MANTER UMA BOLA LEIA PODERÁ MANDAR O RADAR E IR BUSCAR OS OUTROS...

POUCO DEPOIS...

TUDO A POSTOS!

OS CONTROLES PREPAREM-SE LES MANUS! PARA DISPARAR! AÍ JÁ ESTÃO INSTALADOS!

TUBOS UM E DOIS PREPARADOS...

DISPAREM!

ELES AÍ VÃO!

CONTINUA

VIAGEM À RODA DA RODA



Não é possível erguer uma estátua ao inventor da roda porque... Quem foi ele? Sabe-se lá! É muito provável que os primeiros meios utilizados nos transportes fossem troncos de árvores. Mais tarde, utilizaram-nos de raminhas que se adaptaram a uma espécie de chassis.

A transformação do tronco em disco que se podia mover num eixo fixo foi uma invenção genial. Mas as rodas eram ainda pesadas e maciças. Por isso, as dividiram em aros, ligados ao cubo por meio de raios. Gregos e romanos puderam equipar então os seus exércitos com carros rápidos e leves.

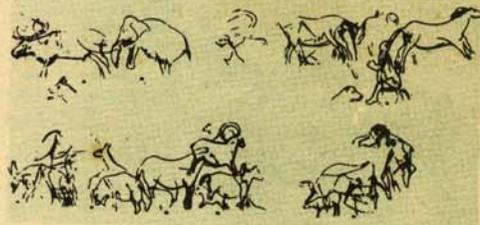
Um livro inteiro não chegaria para descrever a evolução da roda no decorrer dos séculos. A roda tornou-se um elemento fundamental da nossa técnica, porque o seu movimento rotativo é fácil de regular. Da oscilante e pesada diligência e dos primeiros comboios...

...chegámos aos modernos meios de transporte que tiveram por antepassados o navio de rodas, o primeiro automóvel e a primeira bicicleta. E até a velha acenja que nos dava a farinha para o pão não prescindiu da roda, que por fim se elevou aos ardeles, para lhes permitir descolar e aterrar...

Jornal de Ontem

Sempre no desejo de trazeremos os nossos leitores a par do que passa, do que se passou e... do que se passará no mundo inteiro, damos hoje mais algumas notícias da mais palpitante actualidade... retrospectiva e... futura.

ARTE E ARTISTAS DOS NOSSOS DIAS



Lascaux, Ano 10 000 A.C.

Novas pinturas representando animais e, em particular, bisontes, foram recentemente executadas na caverna de Lascaux, perto de la Vézère. Esta caverna, como muitas outras da região franco-cantábrica: Font de Gaume, Combarelles, Altamira, Lérída, etc., parece ter sido utilizada e decorada pelo homem desde há cerca de trinta milénios para cá. Com efeito, podem ali ser apreciadas, embora parcialmente apagadas pelo tempo, pinturas cujos processos de execução nos são hoje quase desconhecidos. As mais antigas são aplicações de mãos — geralmente da mão esquerda — molhadas em tintas coloridas ou, noutros casos, circundadas a cor, para que o fundo sobressaia em branco.

Os modelos favoritos dos artistas dos nossos dias são os animais que caçamos. Mas muitos deles — numa marcada tendência para a arte abstracta... — começam a empregar figuras geométricas que são, ao mesmo tempo, signos cabalísticos cuja significação só os iniciados conhecem.

Não discutimos a boa ou má orientação dos novos caminhos por onde a Arte parece enveredar. Limitamo-nos a verificar que o realismo, o grande encanto das pinturas de animais realizadas pelos nossos antepassados, tende a desaparecer.

VIRIATO MORTO À TRAIÇÃO

Lusitânia, Ano 140 A.C.

Toda a Lusitânia vibra de indignação perante a notícia da morte — do assassínio, digamos a palavra — do seu grande chefe Viriato. Traidores a soldo de Roma privaram os lusitanos do dirigente corajoso e destemido que durante dez anos infligiu derrotas sobre derrotas aos Romanos.

Lembremos a propósito... as origens de Viriato: humilde pastor dos Montes Herminios, mercê da sua coragem e do seu amor pela Lusitânia, conseguiu causar sérias apreensões à poderosa Roma.



NO SALÃO AUTOMÓVEL, O PRIMEIRO AUTOMÓVEL DE TURBINA

Paris, 1964

A grande sensação do Salão Automóvel que ontem abriu ao público as suas portas é, sem dúvida, o novo modelo de carro em que o motor de explosão foi substituído pela turbina.

A turbina a gás era já empregada há anos pela aviação, e os grandes construtores de vários países estudavam as possibilidades que ela oferecia no automóvel. Havia, porém, dois terribes problemas a resolver: a utilização do enorme calor gerado e a redução da velocidade fantástica da turbina (28 000 rotações por minuto) antes da sua transmissão às rodas motoras, visto que essa velocidade é demasiada para as rodas.

O primeiro carro francês de turbina foi há anos construído pela firma Renault, a título de

experiência. Só agora, porém, resolvidos esses problemas, foi possível iniciar-se a fabricação em série e com fins comerciais.

O carburante empregado nos novos carros é o querosene, produto devido à querosem, produto devido à querosem.

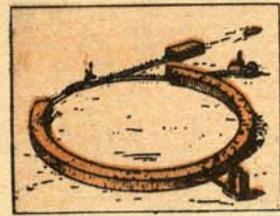
Economia de peso. Supressão das peças de movimento alternativo e, portanto, sujeitas a rápido desgaste. Ausência de vibrações em todos os regimes. Supressão da embraiagem e da caixa de velocidades. Emprego de combustíveis diversos e de baixos preços.

Justifica-se assim plenamente o êxito que a inovação conquistou, êxito que certamente se traduzirá por uma rápida expansão dos carros — 1964 no mundo inteiro.

IR À LUA OU CEM MANEIRAS DE REALIZAR UM SONHO



Lembram-se do Barão de Munchhausen e da sua fantástica subida à Lua trepando pelas hastes de um feijoeiro gigante? É essa uma das mais retumbantes patranhas do célebre barão aventureiro e misticador. No entanto, se a história de Munchhausen não passa de pura fantasia, alguns homens houve que, usando igualmente de meios pitorescos, tentaram ir à Lua. Sim, porque...



Túnel circular de GRAFFIGNY

Estar na Lua não é apenas uma expressão popular: é o sonho que há muito, muito tempo os homens acalentam. Para atingir o «astro da noite» têm sido preconizados os mais diversos e mais imprevisíveis meios: o grande historiador grego Heródoto imaginava chegar à Lua viajando montado numa flecha lançada do alto da torre de Babel. Um mandarim chinês, o muito respeitável Wan Tou, mandou amarrar ao seu trono quarenta e sete foguetões aos quais, simultaneamente, foi lançado fogo. Quando o fumo se dissipou... não se encontrou, nem o trono, nem o mandarim! Pudera!

Em 1638, o escritor inglês Goodwin expediu para a Lua — em romance, claro! — o seu aventureiro González, a cavalo num pau, puxado por uma extravagante equipagem de patos selvagens. E o Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand, levanta voo para a Lua graças a fraquinhas cheias de orvalho.

Foi preciso esperar por Júlio Verne e o seu célebre romance «Da Terra à Lua» para deixar os domínios da ficção pura e entrar nos da realidade... pseudo-científica. O grande romancista, a quem

nunca faltava imaginação, inventa um canhão gigante com 275 metros de comprimento, colocado verticalmente e assente no solo, que dá pelo doce nome de «Colombiada». Esse canhão expede para a Lua um obus de alumínio transformado em cabina de habitação. O «super-explosivo» utilizado é de 164 toneladas de «piróxilo». Mas o certo é que, sob o efeito de uma tal explosão, com uma aceleração à partida de 640 quilómetros por segundo, logo no primeiro instante os astronautas ficariam esmagados contra o chão do obus...

Dois engenheiros franceses, Mas e Drouet, calculando e acertadamente que o canhão não era um engenho sério, imaginaram uma «funda» gigante, em forma de roda giratória, fixada verticalmente na Terra e que, depois de ter obtido o pequeno recorde de 65 rotações por segundo, expedia para a atmosfera astral uma cabina-obus com a sua tripulação de astronautas. Os dois inventores apenas tinham esquecido uma coisa: o estado de saúde em que se encontrariam os tripulantes depois de terem girado durante 3.200 segundos dentro do aparelho...

Por seu lado, Graffigny entende que a «funda» gigante de Mas e Drouet é um engenho pouco digno de confiança. Em vez de fixar o obus-cabina na periferia de uma roda giratória, pensa puxá-lo numa espécie de vagoneta rolando numa linha de caminho de ferro circular, dentro dum túnel, ao fim do qual se encontra uma rampa de lançamento do tipo utilizado pelos alemães para a V2. Graffigny calcula que, depois de 55 minutos de corrida sobre essa via circular, a velocidade do engenho será suficiente para que este atinja a Lua, após ter entrado na rampa de lançamento. Mesmo

assim, a força centrífuga desenvolvida na via seria tão grande, que os viajantes iriam esmagar-se contra a parede da cabina. Ora assim não vale!

Abandonando tais métodos arcaicos e perigosos, sábios e romancistas imaginaram um certo número de processos, todos mais nebulosos uns do que os outros e baseados em pretenhas verdades científicas. Fala-se na descoberta de uma substância especial, impenetrável à gravitação, de «matéria negativa», dum metal refractário à lei da gravidade: o rádio-alumínio ou «repulsite», de misteriosas «pressões luminosas».

Tudo isto é, bem entendido, irrealizável, mas teve, pelo menos, o mérito de ter conduzido os pesquisadores às fontes modernas de energia. Da energia eléctrica passou-se à propulsão reactiva e, por fim, nos nossos dias, à energia nuclear que é — segundo parece — a única capaz de lançar para o espaço os navios siderais.

E, assim, nada é de admirar que, mesmo sem ser distraído, qualquer de nós possa finalmente... «andar na Lua».

Funda gigante de MAS e DROUET



O NOSSO MUNDO E OS OUTROS... O QUE SE FEZ, O QUE SE FAZ E O QUE SE FARÁ NO MUNDO APAIXONANTE DA ASTRONÁUTICA

ESTUDA-SE ACTUALMENTE NA AMÉRICA DO NORTE O PROJECTO DE UM FOGUETE IMPULSIONADO POR UM MOTOR ATOMAR. O CASO CHEGUE A SER CONSTRUÍDO, UM DOS MAIS DIFÍCIS PROBLEMAS QUE SE APRESENTARÃO AOS CIENTISTAS SERÁ O DE ANULAR A RADIOACTIVIDADE DAS BASES DE ESCAPE.

O PRIMEIRO HOMEM QUE CONSEGUIU VER AS CRATERAS LUNARES FOI GALILEU GALILEI, NATURALMENTE E DADOS OS MEIOS RUDIMENTARES DE QUE DISPUNHA, SÓ PÔDE VER AS DE MAIORES DIMENSÕES, ENTRE ELAS AS «PLANÍCIES CERCADAS», QUE MEDEM MAIS DE 240 KM. DE DIÂMETRO.

A ASTRONAVE QUE VEMOS NA ILUSTRAÇÃO SERIA O PROTOTIPO IDEAL PARA AS PRIMEIRAS VIAGENS À LUA. TERIA UM PESO APROXIMADO DE 4.500 TONELADAS E A SUA TRIPULAÇÃO SERIA FORMADA POR CERCA DE 500 HOMENS.

ESTES DOIS ASTRONAUTAS NUM DOS MUITOS SATÉLITES DE JUNTAS HIPOTÉTICAMENTE É POSSÍVEL QUE, QUANDO ESTES HOMENS REGRESSAREM À TERRA, TENHA DECORRIDO JÁ UMA GERAÇÃO.

CÉU DE GLÓRIA

MEU CORONEL, EU... EU...
CUIDADO, MEUS SENHORES!

E AGORA UMA PEQUENA LIÇÃO DE QUE PARCECE MUITO PRECISADOS...

PRIMEIRO: NÃO ME CHAMO "AVOZINHO", MAS MEU CORONEL. ENTENDIDO? SEGUNDO: AQUI SO SE BEBE LEITE E SUMOS DE FRUTOS. TERCEIRO: MERECEM A EXPULSÃO IMEDIATA, QUEM VINHA A PILOTAR?

ELE, MEU CORONEL! ???

PILOTAGEM PERFEITA... NEM O MENOR ERRO... E O EFEITO SOBRE O "ATA-CADO" SENSACIONAL, PODERÃO, ALIÁS, AVALIAR PESSOALMENTE.

MMH... PELO QUE VEJO, SÃO HUMORISTAS. TOMO NOTA! DISSE QUE IAM SER EXPULSOS, MAS A VOSSA DEMONSTRAÇÃO FOI DE FACTO IMPECÁVEL.

QUANDO EU ORDENAR, MERGULHEM, DEZ VEZES, CONTRA O SOLO, VÃO VER COMO É ENGRAÇADO, NEM ATENÇÃO, MERGULHEM!

A PÉ! MERGULHEM! A PÉ! MERGULHEM! MAIS DEPRESSA!

uuuuuuuu...
CANSADOS, HEM? QUE FARIA SE TIVESSEM A MINHA IDADE? BOM... VOU DAR-LHES UM CASTIGO UM POUCO MENOS PESADO, EM PÉ.

É MUITO CEDO PARA SE IREM APRESENTAR AO CHEFE DE GRUPO. ENQUANTO ESPERAM, VÃO DA MINHA PARTE PROCURAR O SARGENTO QUE ESTÁ A TRABALHAR NO "HANGAR" RECAMP... LHE QUE FAZER.

MOMENTOS DEPOIS...

???

NO PRÓXIMO NÚMERO:
DOIS JOVENS CORREM MUNDO...



O ENIGMA CHINÊS

Romance de YVES DUVAL
Ilustrações de EDOUARD AIDANS

UM GRANDE ROMANCE DE MISTÉRIO E AVENTURA

Encarregado de uma perigosa missão em Norfolk, Buster Webb tem que telefonar à meia-noite a um certo John Forester. Mas, no outro extremo do fio, este apenas tem tempo de murmurar: «Vá a casa de Rossetti».

À PROCURA DE ROSSETTI

Após um grande quarto de hora de passeio nocturno, Buster Webb desembocou bruscamente no cais deserto. O cheiro do alcatrão misturava-se ao das pranchas de pinho cortadas de fresco. Na bruma tépida, os guindastes gigantes erguiam para o céu os seus braços mecânicos. Passados os depósitos de madeira, à luz trémula de um lampeão, Buster pôde ler numa placa de esmalte amolgada: «Rua do Porto». Longa e estreita como uma tripa, essa rua tinha um aspecto pouco alicianete, com as suas lajes gordurosas e os montes de imundícies aqui e ali lançados contra as casas, sem posseio. No entanto, o rapaz entrou nela resolutamente. Por fim, quase lá ao fundo, uma montra baixa, fechada por um reposteiro de veludo vermelho, ostentava este letreiro: «Bar de La Flotte».

Quando Webb entrou, o fumo dos cigarros era tão espesso, que mal se via o balcão. Foi-lhe preciso dar várias voltas por entre as mesas.

— Viva, patrão! — disse para um homem gordo, de avental, que por trás do balcão de zinco enchia sem descanso canecas de cerveja. — Não conhece, por acaso, um certo John Forester? Há menos de meia hora que estive a telefonar-lhe para aqui, mas cortaram-me a ligação e não foi possível ligar de novo...

O dono do bar considerou Buster com o ar do homem desconfiado que não gosta de se meter nos aborrecimentos alheios.

— Forester? Não é um tipo baixinho, já de certa idade?

— Talvez. Nunca o vi.

— Tudo que sei é que, cerca da meia-noite, houve um cliente que se dirigiu à cabina, que fica no pátio. Mas saiu imediatamente, com dois amigos que foram ter com ele. Pareceu-me que o tipo devia estar doente, porque os outros dois iam a ampará-lo pelos braços e saíram logo do bar.

— E esses amigos, conhece-os?

O homem teve um gesto vago.

— Sabe... vem aqui tanta gente todas as noites...

— Obrigado! — disse Webb.

Despejou o seu copo, atirou com uma moeda para cima do balcão e saiu. Exactamente nesse instante, um cliente sentado a uma mesa junto da porta, ergueu-se e afastou-se para o deixar passar.

— Estou na mesma! — murmurou Webb uma vez na rua — O tal Forester parece ter sido apanhado por tipos interessados em que ele fale o menos possível. Tudo o que dele soube foi o nome desse Rossetti a casa de quem devo ir. Mas onde hei-de desencantar o pássaro?

Ao fundo da rua estava parado um grande camião, com as luzes apagadas, como que abandonado. Buster retomou a direcção do cais. Ainda não tinha dado cinquenta passos, quando ouviu atrás de si o ruído de um motor. Era o camião que acabava de se pôr em marcha. A ruela sem passeio era tão estreita, que parecia impossível a um transeunte escapar ao camião que a ocupava toda a largura. Buster agitou os dois braços para indicar a sua presença ao motorista, mas, nesse momento, o outro acendeu os faróis e acelerou. Logo pela luz, o rapaz pôs-se a correr para a extremidade livre, escorregando nas lajes, tropeçando nos montes de lixo.

E aquele maldito camião que parecia não dar por ele e continuava a aproximar-se! Quase sem fôlego, coberto de suor, Buster compreendeu que nunca conseguiria chegar ao fim da ruela. Já se sentia esmagado sob as rodas do mastodonte, laminado contra as paredes sem saída dos barracões, quando, bruscamente, certa mão sólida o agarrou pelo ombro e o puxou para o lado. Nesse momento preciso, o pesado camião passou como um bólido, roçando-lhe pelo corpo.

Estupefacto, Buster verificou que se encontrava num barracão cheio de sacos de cereais. Encostado à porta de correr, no sítio onde ele fora puxado, um homem de gola levantada — naturalmente o seu salvador — soprou-lhe ao ouvido:

— Agora, abre os olhos!

Buster mal teve tempo de reconhecer a maxila maciça do seu interlocutor, porque já este tinha desaparecido por entre o nevoeiro.

Uma vez no cais, o jovem ex-sargento encostou-se a uma vagoneta e sacudiu a cabeça, procurando pôr as ideias em ordem.

— Que significa tudo isto? O meu inquietante perseguidor será, na realidade, um anjo da guarda? E Forester? Onde se meteu ele? Tenho absolutamente que levar a Igor o misterioso embrulho! Rossetti! Eis o único fio a que ainda me posso agarrar neste labirinto. Mas onde encontrar o tal Rossetti? Que enigma chinês! Para já... estou a cair de sono.

No balcão da estação, Buster conseguiu desencantar um quarto por dois dólares. Naquele hotel de terceira ordem, o colchão tinha a macieira de um bloco de cimento. Mas,

cansado como estava, teria dormido bem até no asfalto da rua.

Quando, pelas oito horas, se ergueu, tomou banho, encaminhou o pequeno almoço e, depois, pediu que lhe ligassem o telefone do quarto para a cidade e que lhe dessem a lista. Abriu-a na letra R e descobriu seis Rossetti em Norfolk: um músico, um representante de vinhos, um sacerdote, um médico, o dono de um restaurante e um adido do consulado de Itália. Telefonou sucessivamente a cada um deles a famosa frase de senha: «Igor cumprimenta Buda». Mas os seus eventuais correspondentes, furiosos por terem sido incomodados pelas graças de um maluco, só lhe responderam com protestos de mau humor.

— Foi muito tolo em esperar qualquer resultado desta prospecção telefónica — disse Buster para consigo ao deixar o auscultador pela sexta vez. — Ou o meu Rossetti não figura entre os assinantes do telefone ou, então, desconfia e recusa-se a revelar-se a um desconhecido. E agora, que fazer?

Nesse momento bateram à porta do quarto.

— Até que enfim, o pequeno almoço! — suspirou — Já não é sem tempo. Entre!

E abriu. Mas, em vez do criado com o tabuleiro que esperava encontrar, viu erguer-se no limiar um homem alto, com a envergadura de um guarda-fato...

— Nem um gesto! Nem uma palavra! — ordenou o homem, assestando sobre Webb um comprido revólver de aço azulado — Dá-me imediatamente o Buda!

— Deve estar enganado! Juro-lhe que não sei o que...

— Basta de histórias! — cortou o indivíduo — Desde ontem à meia-noite que sei quem tu és. Desde que tiveste a ingenuidade de te informar da saúde do teu camarada. E, visto que ele não tinha o objecto consigo, és tu quem o tens.

— Repito-lhe que não compreendo uma palavra da sua história. Não sei de que objecto fala...

Sem deixar de conter Webb em respeito, o homem remexeu os colchões, abriu o armário, despejou a gaveta da mesa de cabeceira, levantou os reposteiros.

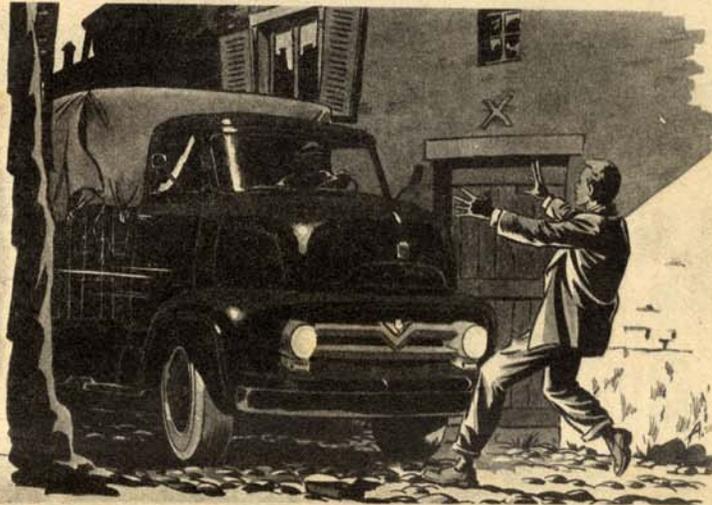
— Nada aqui! — exclamou, furioso.

Depois, vendo de repente sobre a chaminé a lista dos telefones aberta, lançou uma olhadela à página.

— Eh! Eh! las telefonar-lhe, não é verdade? Assim, é de certeza o Dr. Rossetti que está agora de posse do Buda. Eu logo devia ter calculado! Esse patife do Forester passou por casa do médico, ontem antes da meia-noite. O traídor sentia-se vigiado por nós. Desembarçou-se do objecto nas mãos do «mata-gente», em cujo consultório o tinhamos deixado entrar sem desconfiança. Não foi tolo! Uma clinica... ninguém suspeitou. Mas tu, tu cometeste um ligeiro erro de tática, deixando a lista aberta nesta página... Vamos! Vem comigo ao chefe. Tenho o meu carro lá em baixo.

NA PRÓXIMA SEMANA

BUSTER ENCONTRA UM ALIADO



CLUBE DO MISTÉRIO

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

— Esse código, Comissário, já era empregado pelos Lacedemónios e tem o nome de Scytalo. Os Lacedemónios usavam-no para transmitir, por exemplo, instruções a um dos seus generais, isolado em terra inimiga. Eis como procediam: enrolavam em volta de uma varinha cilíndrica uma estreita tira de couro. A mensagem era escrita «lateralmente sobre a tira já enrolada». O emissário levava, em seguida, através das linhas inimigas, a tira que escondia na cintura. O destinatário possuía uma varinha do mesmo diâmetro da que era empregada na redacção da mensagem e bastava-lhe enrolar de novo a tira de couro para ler as instruções.

Mesmo que conseguisse interceptar a mensagem, o inimigo — que não possuísse a cifra do código, isto é, a «varinha-padrão» — perderia horas preciosas a tentar decifrar o seu conteúdo.

Os seus espíes procederam da mesma forma, Comissário: simplesmente substituíram as tiras de couro por ligaduras e as varas por lápis!

APRENDA RÁDIO TELEVISÃO
PELO NOSSO CURSO TÉCNICO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA E GORDINAMENTE E EM POUCO TEMPO
TODO O MATERIAL QUE AQUI MOSTRAMOS SER-LHE-Á ENVIADO
PEÇA O FOLHETO GRÁTIS E ILUSTRADO ÀS ARTES ESCOLAS DO GÊNERO NO PÍS 1 DEVANTAMENTE LEGÍTIMO
RADIO ESCOLA
Director
Álvoro Torão
Apartado 81 - N
R. Fernão Lopes, 6 - LISBOA
Tel. 4 31 36

O MUNDO NO ANO DE DOIS MIL

(Continuação da página 2)
carregar nesse botão, e os almoços ou jantares virão quase instantaneamente, numa espécie de pequenos carrinhos de mão. Enfim, meus amigos, será um ano cheio de atracções e nós, se Deus quiser, ainda viveremos até lá para as podermos presenciar e gozar.

Daniel de Sousa Azevedo de Matos
Idade: 12 anos
2.º ano, no Liceu de Pedro Nunes

ANUNCIAR NO
FOGUETÃO
*
É ENCONTRAR O MELHOR VEÍCULO PUBLICITÁRIO *

Curiosidades

EM TEMPOS RECUADOS, JÁ OS CHINESES CONHECIAM A INVENÇÃO DE SEUS CARACTÉRES ERAM DE MADEIRA.

EM 1774, O INGLESE WILLIAM JENNER COBRIU A ANESTESIA DO MEIO DO ESTERILIZADOR, DANDO ASENTIM UM PASSO DEFINITIVO NA CIRURGIA.
O PERU É ORIUNDO DA AMÉRICA DO NORTE. OS INDIANOS QUE CHEGARAM À EUROPA FORAM TRAZIDOS DO MÉXICO PELOS HOMENS DO FAMOSO CONQUISTADOR FERNANDO CORTÉZ.
EM TODAS AS MEIAS DE "NYLON" APARECEM DUAS PALAVRAS, MISTURADAS CUJO SIGNIFICADO É O SEQUINTE: DENIER = GROSSURA DO FIO, SENDO 15 O MAIS FINO E 40 O MAIS GROSSO. GAUGE = DENSIDADE DA MALHA, ENTRE AMBAS AS MEDIDAS DEVE HAVER SEMPRE UMA PROPORÇÃO INVERSA.

EM BREVE:
OS CAMINHOS MARAVILHOSOS DA RÁDIO E TELEVISÃO
APONTADOS À JUVENTUDE POR **JORGE ALVES**

Tintin au Tibet

On n'a pas idée d'interner comme ça, mille millions de mille sabords!... C'est insensé!...
Mais... mais... je... je n'ai pas éternué!...
Je vous demande pardon, j'ai dû m'écouler... et j'ai fait un horrible cauchemar...
Un cauchemar?
Oui... j'ai rêvé de mon ami Tchang, vous savez, le jeune Chinois que j'ai connu là-bas... Mon Dieu! c'était effrayant!...
Mauriti, blessé, il était à moitié enseveli dans la neige... et il tendait les mains vers moi en m'implorant: "Tintin, Tintin, viens à mon secours!"... C'était... c'était hallucinant de vérité... En suis encore bouleversé!... Excusez-moi!...
Allons, allons, ce n'est rien, remettez-vous!... Et allez vous coucher, petit; vous tombez de sommeil!
Je crois que vous avez raison... Bonne nuit, capitaine!...
Le lendemain matin...
Salut, fiston?.. Bien reposé?.. Plus réveillé?
Bonjour, capitaine... Non, plus réveillé...
Plus réveillé, mais pas fermé l'œil! non plus... L'image de Tchang enseveli dans la neige et m'appelant à son secours n'a pas cessé de me poursuivre...
Bah! Songe, mensonge, dit-on!... N'y pensez plus... Tenez, il y a une lettre pour vous: une lettre de Hong-Kong!
De Hong-Kong?
Oui, et voyez l'enveloppe. Elle a mis du temps à vous parvenir. De la rue du Labrador à Moulinsart d'où Nestor l'a fait suivre ici...
Qui donc peut m'écrire de Hong-Kong?
Faire suivre l'adresse de Moulinsart à Moulinsart...
Monsieur Tintin, Hôtel du Sommet, Avenue de la Liberté, Vervins.

1 Ninguém se lembra de espirrar assim, com mil milhões de macacos! É insensato! 2 Mas... mas... eu... eu não espirrei!... 3 Desculpe, devo ter adormecido... e tive um horrível pesadelo... 4 Um pesadelo? 5 Sim... Sonhei com o meu amigo Tchang, sabe, o jovem chinês que conheci um dia... Vi-o... Meu Deus! Era assustador!... 6 Magoadado, ferido, estava meio enterrado na neve... e estendia as mãos para mim, implorando-me: "Tim-Tim, Tim-Tim, vem em meu socorro!" Era alucinante na verdade... Ainda estou perturbado... Desculpe... 7 Vamos, vamos, isso não é nada, sossegue!... E vá-se deitar, pequeno; você está a cair de sono... 8 Creio que tem razão... Boa noite, capitão... 9 Na manhã seguinte... 10 Viva, filhinho! Repousou bem? Não sonhou mais? 11 Bom dia, capitão... Não, não sonhei mais... 12 Não sonhei, mas também não preguiço olhar. A imagem de Tchang enterrado na neve e chamando-me em seu socorro não cessou de me perseguir... 13 Ora! Os sonhos são mentirosos, dizem! Não pense mais nisso... Olhe, está aí uma carta para si: uma carta de Hong-Kong! 14 De Hong-Kong? 15 Sim, e veja o sobrescrito. Levou tempo a chegar-lhe as mãos. Da Rue Labrador, em Moulinsart, de onde Ulisses a fez seguir para aqui... 16 Quem poderá escrever-me de Hong-Kong? 17 Fazer seguir.

E... a propósito da PONTE SOBRE O TEJO falemos de PONTES

1—A construção de uma ponte suspensa é extremamente difícil. Primeiro, constroem-se os pilares nas margens e no leito do rio. E mais alguns pilares provisórios em terra firme.
2—As partes que serão montadas sobre o rio são transportadas por gruas flutuantes. É um trabalho de extraordinária precisão.
3—Sobre os pilares do leito do rio colocam-se as torres de apoio, que suportarão os cabos de suspensão da ponte. Os pilares provisórios podem ser então desmontados.
4—Para terminar, as gruas flutuantes transportam a parte central da ponte, cujo comprimento deve corresponder rigorosamente ao espaço em aberto. Montam-se os últimos cabos de suspensão e reparam-se os restantes pilares provisórios.

A ARMADILHA DIABÓLICA

DUAS HORAS DEPOIS MORTIMER, QUE METEVA PELA PITAGORICA TER TRAJADO DAS QUARTAS ENCANTADAS, VA-SE A POUCOS QUILOMETROS DE LA ROCHE-GUYON E PENSAVA NA ESTRANHA PERSONALIDADE DO DEPUTADO MILICH.
QUE CÉREBRO! É PENSA QUE SE TRATA DE UM SER VIVO? LE PAPA FINIS TÃO FINESTOS.
ENTRETANTO, A TARDE DESCEVA E O SOL DERA LUGAR A BRUMA NÚMIDA E BELA. QUANDO MORTIMER DESMORDEU NO LARDO DA PRAIA, ACHOU-SE EM UM DESERTO.
DEIXANDO O CARRO JUNTO DO CASTELO, O PROFESSOR DIVULGOU SE PARA A PRAIA, CADA VEZ MAIS ADMIRADO COM O SILÊNCIO E A SOLIDÃO DO LUGAR.
AO DESBRANÇAR-SE NO BARRETEIRO DO ADRO DA IGREJA, DEBARROU COM UMA CASA SAUDA, DE NEVE BRANCA DOMINADA, EM CIMA RICHARDA NAVERA NUNCA COM UMA FIGURA DE PEDRA.
IMPRESSOIONADO, APROXIMOU-SE DA PORTA E METEVA A CHAVE NA FOLHADA.
QUANDO A PORTA SE ABRIU, VEIO DE CENÁRIO UM CENÁRIO A MODO...
DEBARRANDO SE VE NADA!
UM TANTO PERPLEXO PELAS REPLICANCIAS DO CASTELO, MORTIMER MANTIU EM DIRECCÃO À ALDEIA.
BEM SEI... EU NÃO SOU TURISTA... SOU... O NOVO PROPRIETÁRIO... MAS... QUE TEM?
OH! NADA, SENHOR, É BOVE, NEM É A BOVE! BOM... ISSO É COM O SENHOR, META A SEQUERDA DELLA 348 E VEI ATE À PRAIA, É BOVE É AO LADO, TEM UMA ESTATUETA JUNTO À PORTA.
MORTE!
MORTE!
MORTE!

DIABOS AZUIS, LAGOSTAS VIVAS E BOBBIES FAZEM PARTE DA SCOTLAND YARD

A MAIS CÉLEBRE POLÍCIA DO MUNDO

O homem metia-se rapidamente por entre a multidão. De vez em quando voltava-se. De repente empalideceu. Era seguido por um polícia. Acelerou o passo. O defensor da ordem fez o mesmo. Desesperado, inquieto, o homem meteu-se no átrio de um cinema popular e escondeu-se junto da bilheteira. O agente continuava a aproximar-se, muito calmo, fixando-o com o olhar, os dois braços baliçando. Gritou-lhe: — Estás arrumado! É melhor renders-te...
Então, o homem puxou do revólver e fez fogo. O polícia, atingido em cheio no peito, caiu. Aproveitando o espanto das poucas testemunhas daquele rápido drama, o assassino fugiu e perdeu-se entre os transeuntes. No dia seguinte era preso.
Os seus amigos, os da quadrilha, tinham-no denunciado a Scotland Yard. Porque os seus próprios amigos? Porque esse homem faltara ao código da honra. Em Londres nunca se dispara sobre um polícia fardado, pois todos sabem que os agentes não estão armados.
Os criminosos sabem-no também e respeitam-nos. Eis o motivo porque todo aquele que dispara sobre um polícia é incoravelmente condenado pelos tribunais secretos de Soho ou de Whitechapel.

Os londrinos têm orgulho nos seus polícias e com razão. O agente, o «Bobby», faz parte da vida quotidiana da capital britânica. Ninguém se admira de o ver vestindo impecavelmente o seu uniforme de um azul sombrio, capote da mesma cor, a correia sob o queixo, bem apurados nas botas de solas espessas. Regent Street e Piccadilly Circus não teriam pitoresco, se o agente ali não estivesse.

Se a América se sente orgulhosa do seu tempo F. B. I. (Federal Bureau of Investigation), a Inglaterra orgulha-se de possuir a Scotland Yard, uma das mais notáveis organizações na luta contra os criminosos.

Scotland Yard é um departamento de múltiplos serviços, cada um deles dirigido por um homem competente, um especialista. Quanto aos funcioná-

rios, esses, antes de tomarem posse dos seus cargos, recebem um treino intensivo.
Durante muito tempo, a população londrina mostrou-se hostil à constituição de uma polícia metropolitana, pois considerava a presença de homens fardados como um insulto às suas liberdades. Em caso de perturbações, de agitação, fazia-se apelo ao exército. Mas, em 1780, durante uma semana inteira, Londres — e em especial Westminster — foram teatro de violentos motins e as ruas invadidas por uma população que ameaçava os católicos. Foram esses os chamados «motins de Gordon», que Charles Dickens narrou com fidelidade no seu livro «Barnaby Rudge». A segurança da cidade era então mantida por voluntários à paisana, os «Charlies», que operavam sob as ordens dos magistrados, mas que, por vezes, estavam de convivência com os amotinados. As desordens só foram dominadas — e a custo! — quando se decidiu fazer intervir a tropa.

O NASCIMENTO DA SCOTLAND YARD

A população compreendeu assim que lhe era necessária uma verdadeira polícia. Cinco anos depois era criado um serviço de segurança, para Londres e para os condados de Surrey e Middlesex. Mas os serviços de Justiça do Middlesex protestaram contra aquela «perigosa inovação», que reduzia a nada as antigas constituições. E a nova lei foi abolida.
Em 1821, quando dos funerais da rainha Carolina, mulher do rei Jorge IV, deram-se vários incidentes nas ruas de Londres, e a cavalaria real foi obrigada a intervir. O sangue correu e acaulharam os guardas de «magarefes de Piccadilly».
Dois anos mais tarde, Sir Robert Peel tornou-se ministro do Interior. Antes de organizar a polícia de Londres, Robert Peel reformou as leis criminais. Querendo prevenir o crime, criou uma organização poderosa, forte, energética e eficaz. Em Junho de 1829, o seu projecto



NÃO! OS CANHOTOS NÃO SÃO DESASTRADOS!

Muitos pais ficam preocupados quando descobrem que um filho escreve, desenha ou corta com a mão esquerda. Recelam que isso lhe seja prejudicial, pois, no espírito de muita gente, «canhotos» e «desastrados» são quase a mesma coisa... Injustiça e erro! A causa dessa particularidade reside no desenvolvimento do cérebro. O centro de comando para a parte direita do corpo encontra-se na lado esquerdo do cérebro, e inversamente. Na maioria das pessoas, a parte esquerda do cérebro é mais desenvolvida do que a direita e, daí, quase toda a gente se servirá da mão direita. Mas também sucede que a parte direita se desenvolva mais, e eis explicado o motivo por que as pessoas em que tal acontece usam de preferência a mão esquerda. Mas isso não quer dizer de forma alguma que os «canhotos» sejam desastrados, hem!



MUITO CALOR... MUITO FRIO!

Quando o frio aperta ou o calor exagera um bocadinho os seus benefícios, sentimos por vezes a curiosidade de saber quais são no mundo as temperaturas máximas ou mínimas. Sabem, pois, que as temperaturas das diferentes partes da Terra variam entre +60° C em Tripoli — que fernal! — e -72° C no Antártico — que frigorífico!
A reacção dos gases por mudança de temperatura permitiu aos cientistas verificar que a mais baixa temperatura é de -273,15° C. Esse grau mínimo chama-se «ponto negativo absoluto». A tal temperatura, todos os líquidos e todos os gases se solidificam. Ai não! A Ciência provou já que é impossível alcançá-la. No entanto, por meio de métodos complicados, chegou-se muito perto.
Quanto ao limite superior, é por enquanto desconhecido. O Sol tem cerca de 6000° positivos na sua superfície, mas calcula-se que, no interior, atinja os 50 milhões de graus!!!
Em laboratório foi possível obter até hoje alguns milhares de graus.

DESVENTURAS DO ZACARIAS

1 NUNCA VI NENHUMA TÃO DURA!
OULALALALA!
E AGORA, HEM? QUE CONTAS FAZER?
COMPRAR UM QUEBRA-NOZES!
NÃO/NUNCA VI UMA TÃO DURA!
CRAC!

Não lhes damos novidade nenhuma! Todos sabem que a ponte sobre o Tejo, tão sonhada, tão falada, tão discutida, vai ser enfim uma realidade dos nossos dias. Dentro de poucos anos, qualquer de nós poderá atravessar o Tejo no mesmo passo calmo com que desce a Avenida da Liberdade, em Lisboa...
Já que entrámos em maré de comparações, saibam — se ainda não sabiam — que cada um dos vãos laterais equivalerá em extensão à distância entre os Restauradores e o Monumento aos Mortos da Grande Guerra.
Não olhem muito para baixo quando atravessarem a ponte, porque correm o risco de ter vertigens. É que a sua altura livre sobre o rio será duas vezes e meia a do elevador de Santa Justa! Formidável, hem? Quanto à altura da torre do lado Sul, medida desde a sua implantação no ponto da profundidade máxima das fundações, essa atingirá sensivelmente a da Torre Eiffel, em Paris. Ora aí têm!
Em resumo: a nossa ponte não será uma ponte qualquer! Muito pelo contrário, ela vai ter, pelo menos, pelo menos, o pilar mais profundo do mundo inteiro e, em extensão, também baterá o recorde, pois não existe até agora em todo o mundo nenhuma que se lhe iguale.
Eis a ponte sobre o Tejo, a ponte suspensa que de há muito nos tem trazido suspiros, mas que decerto nos vai pagar com largos juros esse tempo de expectativa!

BRINCAMOS ÀS CIDADES QUEREM ENTRAR?

Maria tem um hotel — Pedro uma estação de serviço, e Paulo dá voltas à sua num belo automóvel.
Estamos a brincar imenso — e fomos nós que construímos tudo com o Sistema LEGO. Podemos construir muitas outras coisas — algo de novo todos os dias — desde guindastes e barcos, comboios e aviões. Não há limites para as construções com o Sistema LEGO.
Queiram sempre mais LEGO, porque, quanto mais tiverem, melhor podem brincar.
É uma boa ideia colecionar o Sistema LEGO, e depois é tão fácil com as pequenas caixas a Esc. 8550!



O SUBMARINO ATÓMICO AMERICANO, 'ESTRELA DO MAR', NAS ÁGUAS DO PACÍFICO...

O COMANDANTE, JOE TORMENTA, PESCANSAVA DO TRABALHO DE BORDO...

... COM O BANJO NOS JOELHOS...

QUE QUER O ALMIRANTE? É MELHOR SER O SENHOR A LER!

COMANDANTE! UMA MENSAGEM DO ALMIRANTE HUMBOLDT!

PELA TUA CARA, AS NOTÍCIAS NÃO DEVEM SER BOAS!

NÃO HÁ NADA COMO A COMIDA A BORDO

UM HELICÓPTERO IRÁ BUSCAR O COMANDANTE JOE TORMENTA ÀS 9 HORAS, SEGUIRA PARA A BASE DE SAN DIEGO!

PARCECE QUE TENS RAZÃO, RUIVO! ISTO NÃO ME AGRADA!

MAIS TARDE

TOMA CONTA DO BARCO, RUIVO!

AINDA NÃO PERCEBI A RAZÃO, POR QUE CHAMARAM O...

NÃO DEVE SER NADA SÉRIO!

DEUS O OIGA, COMANDANTE!

EIS O PORTA-AVIÕES, COMANDANTE! EMBARCARAM ALI NUM JACTO QUE O LEVARÁ A SAN DIEGO!

TANTA PRESSA! APOSTO QUE NENHUM OUTRO OFICIAL FOI TRANSPORTADO ASSIM COM TANTA RAPIDEZ, EIN?

OUTRO? E QUE LHE FIZERAM?

NÃO SABEMOS! FOI A CONSELHO DE GUERRA!

ALGUM TEMPO DEPOIS

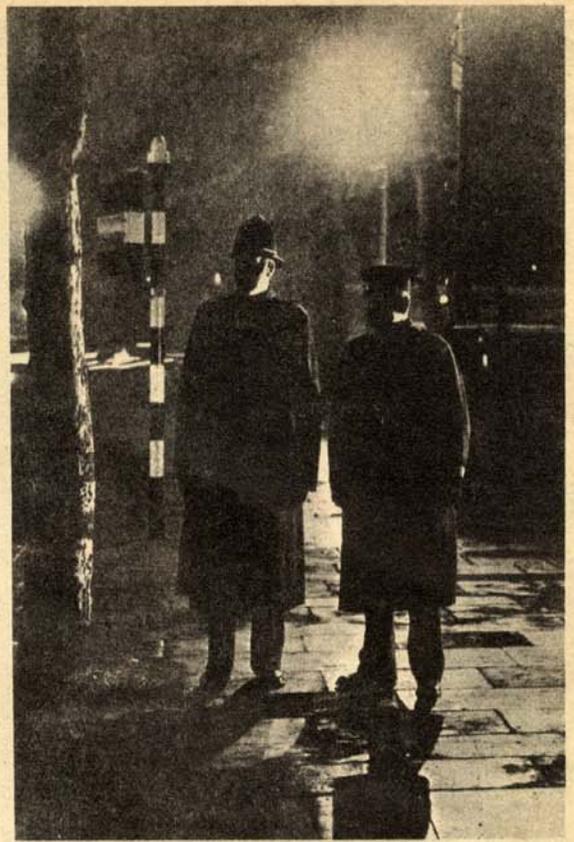
CHEGAMOS, COMANDANTE! EIS SAN DIEGO!

BOM! NÃO HÁ NINGUÉM NA NOSSA ESPERA!

ESPERAVA UMA RECEPCÃO COM MÚSICA?!

É QUE... PESCUPIE, MAS JULGAVA QUE O COMANDANTE VINHA TAMBÉM PARA SER ENTREGUE À POLÍCIA MILITAR!

CONTINUA



SCOTLAND YARD
A MAIS CÉLEBRE POLÍCIA DO MUNDO

CONTINUAÇÃO DAS PÁGINAS CENTRAIS

recebeu o consentimento real. Pouco depois, a nova polícia instalava-se no n.º 4 de Whitehall Place.

Era um edifício com uma saída discreta, que dava para uma pequena praça, Scotland Yard, assim chamada porque ali se erguia um palácio onde habitavam os soberanos da Escócia quando visitavam a corte britânica.

Em Setembro desse mesmo ano, a Polícia de Londres foi definitivamente organizada, e os 1000 primeiros «constables» entraram em funções. O uniforme era composto de uma longa túnica com uma fileira de botões brancos, nos quais se via uma coroa e a palavra «Police». A gola era alta e apertada, ostentando o número do agente e a sua divisão. Essa gola, muito incômoda, formava uma espécie de gargalheira, que impedia de voltar a cabeça para qualquer lado. O uniforme era completado por umas calças estreitas, que caíam sobre as botas e por um chapéu alto de couro. Cada

homem usava um bastão no qual se podia ler «Police Officers» e tinha na algibeira um apito que lhe servia para chamar socorro.

A população de Londres não simpaticizou imediatamente com os seus novos guardas, que foram baptizados de «diabos azuis» ou «lagostas vivas». No entanto, a Polícia londrina nasceu e estava bem organizada. Sir Robert Peel era secundado por dois comissários: o coronel Rowan, que combatera na Índia e em Waterloo, e Charles Mayne, jovem advogado de trinta anos, filho de um juiz irlandês. Estes dois homens, que se entendiam perfeitamente, sabendo aliar as exigências das leis os métodos militares, fizeram excelente trabalho.

OS «BOBBIES» MUDAM DE TRAJO

Em 1850, Sir Charles Rowan retirou-se. Sucedeu-lhe um outro militar, o capitão Hay, que não conseguiu entender-se com o seu colega civil. Quando, em 1855, o capitão Hay morreu, Sir Charles Mayne ficou sózinho à frente de ambos os serviços.

Durante 39 anos esse homem efectuou excelente trabalho, tornando a Polícia londrina um organismo de defesa, de protecção, de pesquisas criminais. Mayne pode ser considerado como o verdadeiro criador da Scotland Yard. À data da sua morte, a Polícia metropolitana, que contava 9000 homens, já operava fora da cidade de Londres.

O comissário que sucedeu a Sir Charles Mayne foi Sir E. Henderson, que passara vinte anos nos serviços penitenciários de Inglaterra e da Austrália. Henderson convidou o Governo a pagar melhor aos seus homens e a introduzir algumas modificações no uniforme.

Por várias vezes a nacionalização da Polícia foi proposta ao Parlamento. Ainda hoje, cada cidade inglesa possui a sua polícia privativa, que opera de modo diferente. É essa a razão porque tal lei tem poucas probabilidades de ser aprovada, pois cada polícia local é ciosa da sua independência e prefere agir segundo a sua própria iniciativa, o que a não impede de pedir conselho e, por vezes, ajuda à Scotland Yard. Por seu lado, esta encontra-se pronta a enviar os seus inspectores, os seus detectives, os seus homens, aos quatro cantos do Império.

Quando da derrota alemã, coube a esta poderosa organização, cooperando com o Intelligence Service (o Serviço Secreto Britânico), perseguir e aprisionar os criminosos nazis. Tudo estava pronto para isso, havia muito tempo, no n.º 4, Whitehall Place.

Hoje, a Scotland Yard, com os seus múltiplos serviços, assegura no interior do país a segurança de cada cidadão britânico e colabora, no exterior, em ligação com as outras Polícias do mundo, na manutenção da Paz Internacional.



dia de ser um feiticeiro do «drible» e de dispor de forte pontapé. As caneleiras exageradas serviam-lhe, igualmente, de protecção, pois, devido à sua tendência para o abuso da «caixinha», era implacavelmente perseguido pelas botas dos adversários irritados...

Reparem também nos jogadores do Sporting: sendo iguais, fisicamente, a tantos outros, as listas horizontais das camisolas dão-lhes um aspecto mais forte, mais tronchado. E há ainda a cor das camisolas dos guarda-redes. Uns preferem tons vivos, que, no seu entender, atraem os rematadores contrários. Outros optam pelas tonalidades discretas, pois pensam que os avançados, assim, têm mais dificuldade em localizá-los...

AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS

3 FALEMOS AGORA DO «EQUIPAMENTO SECRETO»

E, a propósito de almofadas, também nos calções, lateralmente, no local dos ossos salientes da região anco-lilante, se adoptam protecções semelhantes, principalmente por causa dos arriscados mergulhos a que os guardiões estão frequentemente sujeitos.

Finalmente, quanto ao comprimento e à largura dos calções, dependem um pouco do gosto de

cada um. No entanto, quando se joga em climas frios, como é o caso dos ingleses e nórdicos, deve optar-se pelos calções compridos, que melhor protegem os músculos das coxas do frio e da chuva. Principalmente no início dos jogos, quando os músculos não estão ainda bem aquecidos e o perigo de uma distensão traiçoeira é maior.

Antes de encerrar este breve capítulo de considerações sobre equipamentos, não quero deixar de me referir aos efeitos de «camuflagem» que se podem extrair das vestimentas utilizadas. Por exemplo, o magistral jogador do Sporting que era o Pedro Pireza, de quem vocês, certamente, já ouviram falar, como um mago que possuía um domínio de bola insuperável, aqui há uns bons 25 anos atrás, usava uns calções larguíssimos e compridos, que apenas deixavam à mostra os joelhos. E também umas grossas caneleiras. Assim disfarçava uma notável magreza de pernas que, no entanto, não o impe-

... Como todos os grandes jogadores, José Águas tem muitas recordações, na sua carreira já algo longa, independentemente da conquista de vários campeonatos nacionais, dos triunfos no Brasil e noutras terras a que se deslocou com o seu clube, ele pode referir, como padriões da sua invejável actividade futebolística, as seguintes datas:

18-9-1950: chegada a Lisboa.

24-9-1950: estreia contra o Atlético.

13-5-1951: estreia na selecção B (contra a França).

23-11-1952: estreia na selecção A (contra a Áustria).



Completando as minhas «dissertações» sobre o equipamento do jogador de futebol, especialmente «equipamento secreto», lembro-lhes também a «trousses», ou «slip». Há ainda que considerar o caso especial dos guarda-redes, esses «mártires» por quem tenho uma admiração especial e em cuja pele eu não queria estar, quando lhes surge pela frente, implacável, o avançado-centro contrário, com a bola nos pés... (Eu sei bem a fúria com que remato, nessas alturas...).

Pois os corajosos homens da balisa, como se compreenderá, além da protecção dos joelhos, como toda a gente sabe, preocupam-se, também, com os cotovelos e até com os ombros. Por isso, usam fofas cotoveleiras e ombreiras e vestem grossas camisolas, com reforços almofadados no sítio dos cotovelos e dos ombros.

CLUBE DO MISTÉRIO



Conversa com os "Sherlocks"

As palavras de apresentação são necessárias para que todos os «sócios» do nosso «Clube do Mistério» conheçam os nossos propósitos.

Este «Clube» pertence-lhes inteiramente e, desde a primeira à última página, procurarão simultaneamente servi-los e dignificar a boa e sã literatura policial. O recreio do espírito é tão necessário à saúde como a ginástica do corpo.

Os exercícios de ginástica mental serão dirigidos segundo a experiência adquirida ao longo de muitos anos de convívio com apreciadores da arte de Sherlock Holmes.

No entanto, as colunas do «Clube» estarão permanentemente abertas a sugestões e ideias que possam trazer-lhe ideias novas e construtivas. Procuramos dotar cultura, ficção, elasticidade de raciocínio e lançamento de novos valores. Não existem diretrizes preconcebidas de orientação rígida, nem compartimentos estanques demasiadamente doutrinários. Vamos fazer uma página arejada, moderna, que agrade ao menos à maioria, já que se torna impossível agradar a todos.

Temos evidentemente algumas «cartas na manga» para jogar na altura apropriada, mas sentir-nos-emos extraordinariamente satisfeitos se os «trunfos» do nosso jogo nos forem fornecidos, ao longo das várias semanas, pelos leitores do «Clube», que pretendam ajudar-nos a agarrar o difícil «jogo» do agrado geral.

Ao inteiro dispor dos leitores se considerará sempre o

Inspector Varatojo

NÃO SE ESQUEÇAM DE QUE UMA DAS PRINCIPAIS QUALIDADES DO BOM INVESTIGADOR É A MEMÓRIA.

PERGUNTAS

1. Por qual das janelas entrou o assassino?
2. Quantas cadeiras se encontravam abertas?
3. Lembra-se de ter visto alguém sair junto à porta do canto?
4. Em que mão o assassino empunhava uma arma?

QUADRO DE VALORES

SE RESPONDEU CERTO A:	ESPÍRITO DE OBSERVAÇÃO
4 Perguntas	EXCELENTE
3 Perguntas	BOM
2 Perguntas	REGULAR

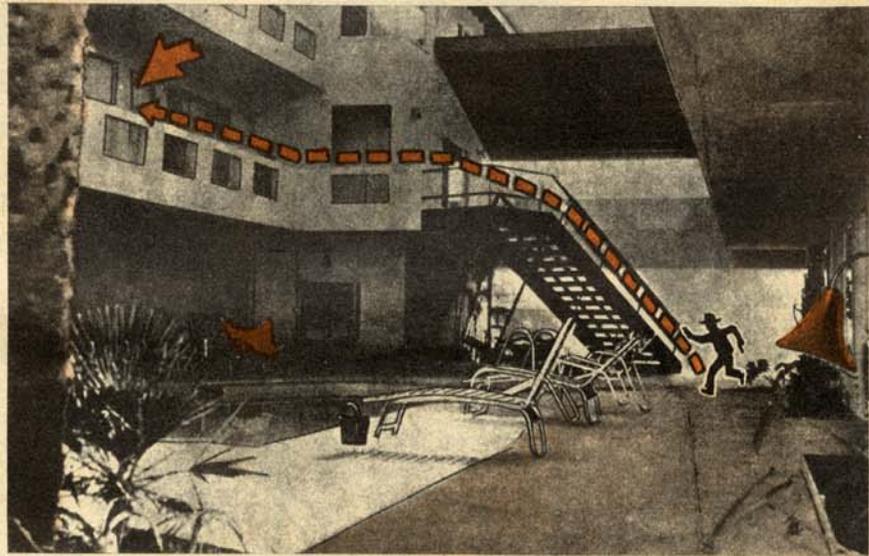
QUEM É BOM DETECTIVE?

Vamos sujeitá-los a um teste de observação no qual podem pôr à prova as qualidades detectivas que possuem.

Na imagem que apresentamos está patente aos nossos olhos o «roqu岸» da reprodução de um assalto.

Observem a ilustração durante um minuto com a maior atenção, fixando os pormenores, e depois respondam às nossas perguntas (publicadas invertidas) e sem voltarem a ver a gravura.

Observem a ilustração durante um minuto com a maior atenção, fixando os pormenores, e depois respondam às nossas perguntas (publicadas invertidas) e sem voltarem a ver a gravura.



3 - AO SERVIÇO DO EMBAIXADOR

Eu estava no jardim do palacete do barão Boris, todo entregue à tarefa de fazer brilhar os cromados do carro de sua Excelência. No limiar da porta, o Comissário Esteves falava com um fornecedor.

A certa altura, pela porta entre-

aberta do seu gabinete de trabalho, o barão chamou:

— Segismundo!

— Sim, Excelência! — respondeu imediatamente o Comissário, que se apressou a deixar o seu interlocutor para entrar no gabinete do diplomata.

A imagem do Comissário vestindo colete às riscas como um criado de casa rica, era tão imprevista, que tive de me voltar para esconder o riso. Ao fazê-lo, vi no pára-brisa do carro o meu próprio reflexo: de farda e boné branco, eu tinha na verdade o aspecto clássico do motorista particular.

...As investigações haviam começado três dias antes. O barão Boris, embaixador da Polónia, recebera cartas anónimas com ameaças de morte. Suspeitara de vários dos seus familiares que não estavam de acordo com as suas opiniões políticas: o seu secretário Jacobsky, seu irmão Fédor e os dois adidos: Larsen e Cronik.

O barão pedira o auxílio da Polícia

Judiciária, e o Comissário Esteves fora designado para velar discretamente pela segurança de sua Excelência. Para salvar as aparências, exercia as funções de mordomo. Quanto a mim, fora contratado oficialmente como motorista.

O Comissário voltou daí a pouco ao jardim e piscou-me o olho. Depois — magnânimo — ajudou-me a acabar de limpar o carro.

De repente ouvimos uma exclamação abafada que partira do gabinete do embaixador. Precipitámo-nos. A porta estava fechada à chave por dentro. Esteves arrombou-a e eu segui-o. Ninguém! A peça contigua ao gabinete de trabalho — espécie de arquivo — estava mergulhada na obscuridade. Acendi a luz: estendido, inanimado no tapete, via-se o barão Boris. Infelizmente o seu agressor tivera tempo de fugir pela segunda porta do compartimento.

Vítima de uma fractura do crânio — que felizmente não punha a sua vida em perigo — o embaixador foi

imediatamente transportado a uma clínica, sem ter recuperado os sentidos. Restava-nos interrogar os diversos suspeitos que, entretanto, tinham acorrido ao arquivo e nos bombardeavam com perguntas que voluntariamente deixávamos sem resposta.

A dar-lhes crédito, nenhum, claro está, era culpado. Mas nem Jacobsky, nem Fédor, Larsen ou Cronik tinham alibi, porque trabalhavam sós em gabinetes separados.

— Pobre barão! — exclamou tristemente Larsen, que era alto e magro, com um rosto cavalaresco. — Espero que se cure do ferimento...

— Felizmente que, na obscuridade, o agressor falhou o golpe! — reforçou Jacobsky, cujo crânio era liso como uma bola de bilhar.

— Naturalmente queria atirar-lhe às fontes! — prosseguiu Fédor, que piscava nervosamente os olhos.

— Pergunto a mim próprio se ele terá podido identificar o agressor... — declarou pensativo o adido Cranik, puxando a barbicha.

O Comissário Esteves mandou embora os «suspeitos» e gemeu:

— É tremendo! Vão acusar-me de incapacidade! Tenho a minha carreira arruinada! É impossível determinar quem agrediu o embaixador...

— Engana-se, Comissário! — respondi eu. — Engana-se redondamente. E os nossos leitores que dizem? Quem é o culpado?



VEJAM A SOLUÇÃO DO PROBLEMA NÚMERO 2 NA PÁGINA 5 ...



MATERIAL DO LABORATÓRIO

Além de muitas outras coisas, um laboratório de Polícia deve possuir:

- a) Aparelhagem fotográfica;
- b) Material químico;
- c) Microscópios;
- d) Instalações de raios ultra-violetas;
- e) Corantes em pó, reveladores, etc.;
- f) Isoladores para transporte de peças suspeitas;
- g) Instalações de raio X;
- h) Estojos para investigações no local do crime;
- i) Um pequeno museu contendo as peças relativas aos principais exames efectuados.

O laboratório possuirá, evidentemente, pessoal especializado competentíssimo que aliará as suas qualidades intelectuais aos recursos que a ciência coloca à sua disposição, para um violento combate contra o crime.

Parceiros que estes primeiros apontamentos sobre LABORATÓRIOS DE POLÍCIA serão bem recebidos. Guardamos as cartas e sugestões dos leitores, encadeadas ao «Clube do Mistério», a fim de nos darmos esta secção o mais possível ao gosto e segundo as necessidades dos nossos «policiais amadores».



EDGAR POE E O N.º 33



Apresentamos, pode parecer-lhes estranho, que tenhamos ligado o nome do «pai da literatura policial» com um número.

Resolvamos o mistério na meia dúzia de linhas que nos é dado usar neste primeiro «Museu Literário»:

Edgar Allan Poe nasceu no n.º 33 da rua Hollis, em Boston, Massachusetts, a 19 de Janeiro de 1809.

Surgiu assim o n.º 33 no berço natalício do poeta e que certamente influenciou a sua imaginação ao criar a figura de Auguste Dupin.

Na primeira história verdadeiramente policial e detrativa que dele se conhece, «O Duplo Crime da Rua Morgue», publicado em Abril de 1841 no «Graham's Magazine», Poe fez residir a sua personagem C. Auguste Dupin em Paris, num solitário recanto do bairro de Saint-Germain.

Até aqui nada parece haver de particular influência numérica, pois a necessidade residencial de Dupin em Paris deve-se ao caso de Poe ter de residir e trabalhar no pequeno ambiente da capital francesa.

Mas a nossa curiosidade sem limites levou-nos a rebuscar o resto da obra do imortal Allan Poe, à procura de mais pormenores sobre a residência de M. Dupin e encontramos finalmente nas primeiras linhas do famoso conto «A Carta Roubada», publicada quatro anos depois do «Duplo Crime da Rua Morgue», em «The Gift»:

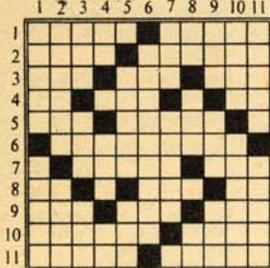
«Em Paris, logo depois do escurecer duma ventosa noite de Outono de 18... gozava eu a dupla voluptuosa da meditação e dum cachimbo de espuma, em companhia de meu amigo C. Auguste Dupin, na sua pequena biblioteca, ou gabinete de estudos, no terceiro andar do n.º 33 da rua Danot, bairro de Saint-Germain...»

Edgar Poe, o homem da criptografia, do «Escarvalho de Ouro», o espírito analítico e matemático que diz: «Da mesma forma que o homem forte rejubila com as suas aptidões físicas, delirando-se com os exercícios que põem em actividade os seus músculos, exulta o analista com essa actividade espiritual, cuja função é desentrançar enredos. Acha prazer até mesmo nas circunstâncias mais triviais, desde que ponham em jogo o seu talento. Adora os enigmas, as adivinhas, os hieroglifos, exibindo nas soluções de todos eles um poder de acuidade que para o vulgo toma o aspecto de coisa sobrenatural.» este Edgar Poe — dizíamos — não poderia deixar passar a coincidência de um número.

Foi com este mesmo espírito que ligámos um dado curioso da biografia do autor e da história da personagem — o n.º 33 — que bem pode servir para a colecção dos amadores da literatura policial que nos deram a honra desta primeira visita ao «Museu Literário» do nosso «Clube do Mistério».

O cicerone vai acompanhá-los à saída, mas continua sempre às ordens das visitantes...

A PROCURA DE UMA PALAVRA



Horizontais: 1 — Aprazível; restabelecer a saúde de. 2 — Antigo sacerdote medo; grande mamífero ruminante. 3 — Época; ponta aguda; assentimento. 4 — Ilha do Mediterrâneo; naquele lugar; tumor. 5 — Gemidos; namorada. 6 — Que tem grandeza de alma. 7 — Ligara; pronome pessoal. 8 — Aqueles escudeiro; observei. 9 — Caminho; espaço de tempo; comparecer. 10 — Coberturas; segura. 11 — Imploras; bens dotalis que, por contrato, o noivo assegura à esposa.

Verticais: 1 — Cada um dos pequenos parapeitos intervalados que ficam no alto das muralhas e castelos; lugar de embarque e desembarque. 2 — Substância branca e compacta que constitui a maior parte dos dentes dos mamíferos; afadiga-se. 3 — Terra portuguesa; cloreto de sódio; regente. 4 — A milha percorrida pelo navio; variedade de carbonato de cálcio; letra grega. 5 — Xacia; dificuldade. 6 — X...; 7 — Espécie de verdelho; história organizada ano por ano. 8 — Antiga cidade da Caldeia; espécie de palmeira da ilha de S. Tomé; senhor (abrev.). 9 — Governador abexim; goste; enxergar. 10 — Parente por afinidade; esquece-se. 11 — Borla de barrete; serra portuguesa.

(A solução virá publicada no próximo número.)

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR



Passatempos



É entrar, meus senhores! Vamos desvendar o famoso truque da mulher cortada ao meio!

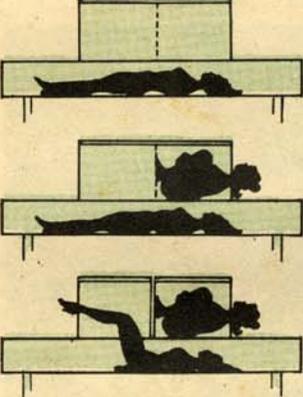
Assim mesmo! O famoso truque da mulher serrada ao meio, coroa de glória de alguns ilusionistas, vai surgir-nos sem mistério. Vamos aprender como se corta ao meio a «pobre vítima» — brrr! — e porque artes ela nos aparece, minutos depois, sorridente e graciosa, tão bem disposta como se não tivesse passado por aquele horrroso suplício.

Há duas formas de executar este truque: com uma ou com duas raparigas. Quando o ilusionista e o seu ajudante dispõem dessas duas figurantes, começam por fazer deitar uma delas numa grande caixa com duas aberturas nos topos: uma para a rapariga pôr a cabeça, outra para os pés. Cobrem a caixa com a respectiva tampa e a figurante fica apenas com a cabeça e os pés de fora. Nessa altura — a pretensa de mostrar ao respeitável público que ali não há truque — o ilusionista volta a caixa.

Depois, pegando numa comprida serra, — tremam, rapazes! — os dois homens em cena começam a cortar a caixa pelo meio. Resultado: em poucos minutos fazem-na em duas, e, segundo todas as aparências, o mesmo sucede à rapariga...

Assim teria decerto acontecido se... em vez de uma figurante, não houvesse duas...

A verdade, porém, é que a segunda rapariga já estava escondida na mesa sobre a qual assenta a caixa.



1 — Ao subir o pano, já a figurante n.º 2 está estendida ao comprido no interior do tempo da mesa sobre que assenta a caixa.

2 — A figurante n.º 1 depois de entrar na caixa, encolhe-se no momento em que o ilusionista e o ajudante mostram ao público que não há truque.

3 — Quando a caixa roda, a figurante n.º 2 mete os pés pelo buraco a esse fim destinado. O público vê uns pés e uma cabeça... mas de duas pessoas diferentes. E a caixa pode ser serrada ao meio sem haver perigo.

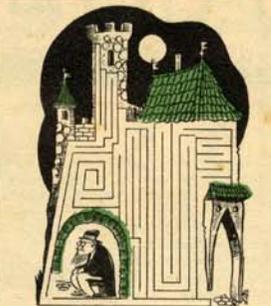
A rapariga que entrou para a caixa encolhe-se como se vê no desenho. E, por meio de aberturas falsas, a que está por baixo mete então os pés no buraco que ficou livre. Fica assim uma rapariga em cada metade da caixa: a primeira mostrando a cabeça e a segunda os pés.

A volta que o ilusionista e o seu ajudante deram à caixa serviu apenas para dissimular estas manobras.

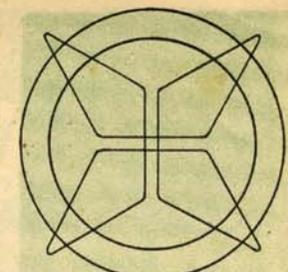
E eis desvendada uma das formas do truque. Noutra ocasião lhes explicaremos como se faz quando há apenas uma figurante.

Um conselho: é prudente não quererem imitar este ilusionismo de alta escola... É que à mais pequena falha... pode ser a morte do artista!

LABIRINTO



Este visitante de um castelo histórico perdeu-se no labirinto de salas e corredores, e agora não dá com a saída. Mas nós podemos ajudá-lo, não?



DE UM SÓ TRAÇO

Realizar um desenho sem levantar o lápis do papel é um velho passatempo sempre recebido com agrado. Os nossos amigos vão tentar reproduzir o modelo que lhes oferecemos. Mas não olhem para a solução sem terem procurado conscienciosamente o caminho a seguir, hem?



SÓ PARA VOCÊS (CONFIDENCIAL)

amigos:

 sa sabria

 sa. Etão pronos? Ena:

 spm! Om

 Cheg i, e venci!

 Om

 V AGORA a

 xi

 π CHF

Filatela

por Henrique Mantero

Chegamos à altura do material de que necessitamos. Trata-se apenas de alguns elementos indispensáveis ao colecionador:

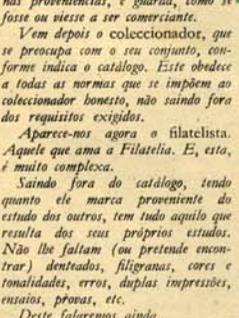
- Uma pinça, para mexer nos selos, pois os dedos são condutores de humidade ou de pequenas sujidades;
- Uma lente, que serve para analisar cada exemplar e saber-se melhor que não há defeito que desvalorize o selo;
- Um odontómetro, para medir os dentes dos selos quando estes têm mais que uma medida;
- Charneiras, que são os pequenos papéis gomados com que se colocam os selos nos álbuns; ou tiras plásticas, que se cortam ao tamanho dos selos e os preservam, por trás e pela frente, de qualquer contacto, evitando a charneira.

O COLECCIONADOR E O FILATELISTA

Entre o colecionador e o filatelista existe um mundo. Claro que o filatelista é colecionador. Mas o colecionador, muitas vezes, não é filatelista.

Vejamos: Em primeiro lugar o ajudador. Aquela que guarda todos os selos que lhe dão; que junta todos os selos das cartas, que entram na sua repartição, escritório ou loja, preocupando-se com a quantidade e não com a qualidade. O número entusiasmo-o e diz a todo o mundo — que tem milhares e milhares de selos. Há outro, que tem por finalidade

A ESTRELA DA SEMANA



PASCALE PETIT

De um dia para o outro, esta francesinha de vinte anos tornou-se uma das estrelas preferidas pela juventude. Porque? Talvez porque Pascale incarnava de certo modo a própria juventude dos nossos dias, alegre, independente, irreverente, por vezes, mas decidida a lutar e a vencer.

Apesar da incontestável popularidade de que a jovem estrela já goza, é possível que muitos dos nosso leitores a conheçam apenas de fotos publicadas nas revistas. E isto explica-se pelo facto de Pascale Petit quase só ter entrado em filmes para adultos.

Mas, embora tenha apenas 20 anos, a nova estrela francesa possui já um carácter firme, o que lhe evita de se comportar como uma garota perante a vida. Sabe bem conduzir o seu «barco» profissional e escolhe os papéis que há-de interpretar. Foi assim que decidiu não entrar daqui para futuro em filmes que pelo título ou pelo assunto, possiam chochar

A ESTRELA DA SEMANA

a juventude e, por consequência, serem-lhe interditos.

Há quatro anos atrás, Pascale Petit era manucure num cabeleireiro parisiense e não sonhava sequer com fazer cinema. Mas um dia entrou no cabeleireiro uma cliente, M^{me} Raymond Rouban, casada com o realizador do mesmo nome. M^{me} Roubean viu a pequena «manucure», achou-a gentil e teve a intuição de que era ela a jovem ingénua que seu marido procurava para um filme.

Foi assim que Ana Maria Petit passou a chamar-se Pascale e se estreou em «As féticeiras de Salem», revelando desde logo um temperamento dramático e uma intensidade de expressão pouco comuns, que lhe valeram um papel de vedeta no filme seguinte.

O pai de Pascale era de origem maltesa e espanhola, o que explica os olhos e os cabelos escuros da filha. A mãe é alemã e daí, naturalmente, a firmeza da jovem vedeta perante a vida. Mas Pascale nasceu em França, mais precisamente em Paris, o que diz tudo à cerca do seu encanto e da sua elegância.

Entre nós vimos-la, se bem nos lembra, em «As féticeiras de Salem», «Júlia, a Ruiva» e «Três raparigas endiabradas». Mas a carreira de Pascale está ainda no início, o que quer dizer que poderemos ainda vê-la e apreciá-la em muitos outros filmes. Entretanto, despedimo-nos de vocês até ao próximo número, em que bisbilhotaremos a vida e aventuras de

ROBERT STACK

SOLUÇÃO DA CARTA HIROGLÍFICA N.º 3

RAMPA DE LANÇAMENTO. Amigos: Vamos pôr à prova essa sabelodoria com um pequeno passatempo. Estão prontos? Então respondam: Quem foi que disse: «Cheguei, vi e venci»? Quem não souber veja a resposta na próxima página.

Piloto Chefe

concurso



NOME _____
 MORADA _____
 LOCALIDADE _____ TEL. _____
 N.º DA LICENÇA DA TELEVISÃO _____

PÃO e CIRCO

OS GLADIADORES E AS SUAS ARMAS ERAM FAMILIARES AOS ESPECTADORES DOS CIRCOS ROMANOS



CAPACETE DE MIRMIILÃO. ESTE TIPO DE GLADIADOR COMBATIA ARMADO DE UM GLÁDIO CURTO



TRÁCIO



GLADIADOR A CAVALO COM PARMA



DARDO DOS VELITAS



SAMNITA ERGUENDO O DEDO, PARA PEDIR MISERICÓRDIA AO IMPERADOR E AOS ESPECTADORES

COBERTO de sangue e de suor, o vencedor mostrava-se num estado quase tão lamentável como o seu adversário. Ambos arquejavam como feras e aproveitavam o curto descanso que lhes era concedido. O retário vencedor apoiava o seu tridente na garganta do mirmilão desarmado. Através dos buracos da viseira do capacete, os olhos deste rolavam em todos os sentidos, cegos pelo sol escaldante que se reflectia na areia branca da arena. Tremendo, ergueu o polegar para pedir a graça do imperador.

Todos olharam para o camarote imperial, enquanto o silêncio caía sobre a imensa multidão reunida nas tribunas.

Magnânimo, com um sinal de benevolência, Augusto ergueu o polegar. O mirmilão tinha a vida salva! A multidão alegre, sobreexcitada, trepidava e aplaudia, porque o combate fora magnífico e os gladiadores de igual força.

De onde vinham eles, esses homens que assim arriscavam as suas vidas para satisfazer os baixos instintos da população romana? A maioria eram escravos ou cativos; por vezes, também, algum transviado que, farto de tudo, enveredava por aquela assustadora profissão, apesar de todos seus riscos, na mira da larga retribuição que lhe era dada até ao desfecho fatal que infalivelmente o guardava. Também não raro se viam certos bárbaros livres, como os germanos, recolhê-la por gosto.

Assim, a maior parte das vezes, o gladiador era uma coisa comprada, propriedade do «lanista», ou senhor dessa horrível escola que o ensinava, que o treinava, antes de o alugar, de o vender por ocasião dos jogos.

Os gladiadores entravam na arena em procissão. A frente, dois lictores com o seu machado, depois os músicos, «tubicinos» e «cornicinos», soprando de bochechas inchadas nos seus instrumentos de cobre. A seguir, os senhores, os portadores de palma, de «titi», ou cartazes de triunfo onde estavam escritos os nomes dos vencedores. Num carro, e envergando a toga, o munerário trazia na mão o libelo ou lista dos combatentes.

Depois, seguia-se a gente a pé: os gladiadores em simples túnica, sem armas, mas com o escudo enfiado no braço e o capacete no punho direito. Só mais tarde seriam armados, porque uma revolta era sempre de recear, naqueles brutos turbulentos.

SAUDAM-TE AQUELES QUE VÃO MORRER

Em primeiro lugar, lançavam-se em monte na arena, excitando-se com paus, fazendo admirar a sua destreza, a sua agilidade.

Depois, o imperador dava o sinal. Imediatamente os lanistas intervinham, juntavam os seus gladiadores aos pares, faziam distribuir as armas e ordenavam o desfile perante a tribuna imperial. «Ave, Cesar, morituri te salutant». Saudam-te aqueles que vão morrer.

As grandes trompas lançavam os seus toques fúnebres e eis que se apresentavam vários pares de combatentes, figurando o combate de um pescador contra um peixe. O pescador era o retário que trazia no ombro esquerdo uma grande rede cônica, orlada de borlas de chumbo, e com a mão direita brandia um pesado tridente de ferro. A cintura, a arma de misericórdia: um punhal que balaçoava. O peixe era o mirmilão de capacete de cobre, com uma viseira perforada que lhe protegia e mascarava o rosto; no capacete, um ornato que por vezes figurava o peixe; no braço esquerdo o escudo, ora redondo, ora rectangular, no pulso direito a espada curta a que chamavam «falsa-espada» e se destinava a cortar a rede do inimigo.

Vinham depois os Samnitas juntos com os Trácios para os combates corpo a corpo. Estavam armados de forma semelhante, com a diferença que o Samnita usava espada larga e direita e o Trácio, que combatia de peito nu, tinha a espada curva e curta. O sangue correria ainda com os «gladiadores equestres» que surgiriam de cada uma das portas, precedidos por insígnias militares, armados de lança e arvorando a «parma» ou pequeno escudo circular.

Depois, viriam os «Ecsedários» combatendo sobre um carro, o «ecçada» conduzido por um escravo. Depois ainda os «andabatas» que se batiam às cegas porque o capacete lhes cobria inteiramente a cabeça e o rosto. Os «andabatas» distribuíam grandes golpes à esquerda e à direita e matavam-se ao acaso.

Havia também os «velitas», que combatiam por grupos e de longe lançavam o dardo com maravilhosa destreza.

UMA DAS MARAVILHAS DA ROMA ANTIGA

Onde se desenrolavam estes espectáculos extraordinários?

Estavam em Roma, num dos circos da capital do mundo antigo. A plebe, tão ávida de jogos como de pão, acorria aos espectáculos. Cada arena apresentava os seus. Mas o mais belo de todos esses circos, aquele no qual, durante cinco dias, se desenrolavam os «Grandes Jogos» e as corridas de carros, era o Circo Máximo, uma das maravilhas de Roma.

Construído entre os Montes Palatino e Aventino, tinha dois mil e trezentos pés de comprimento e quinhentos de largura (cerca de 682m por 150). As imensas bancadas de pedra, escalonadas em quarenta filas, estavam divididas pelo «preceição», ala que permitia circular mais à vontade. Uma colunata coberta tapava o conjunto, servindo ao mesmo tempo de passeio e de abrigo. Em baixo, rodeando a arena e separada dela por um largo canal de dez pés de profundidade, limitada por uma grade de ferro, a última fila de degraus repousava sobre um suporte a que chamavam «podium».

A arena, coberta de areia branca e brilhante, estava cortada a ocidente em toda a sua largura por uma fileira de arcadas, dominadas por imensas torres. Era por essas arcadas, os «cárcees», em número de doze, que surgiam os carros das corridas. Partindo também dos «cárcees», os condutores, vestidos de cores vivas, com as rédeas passadas em redor da cintura, tinham na sua frente a areia da carreira da direita, onde se lançavam à desfilada. A arena estava, com efeito, dividida em duas partes por um monumento com cerca de seis pés de altura e vinte e dois de largura, coberto de ornamentos. Esse monumento era a «espinha». A cada extremidade encontravam-se os três marcos ou «metas», com a altura de trinta pés, terminados em forma de ovo.

Uma pausa, um silêncio, um grande tropel, uma rovoada de gritos, crescendo e atenuando-se como uma tempestade: eram os «atletas» que marchavam, soberbos, em passo viril. Depois, apareciam os carros de bailarinos de túnica vermelha apertada por um cinto de cobre, capacete de plumas, pequena lança na mão, espada no lado...

Vêm em seguida os músicos: tocadores de pífaro, de citara, de ludo, de lira de sete cordas. Vêm trompetas que soam

estridentes, depois as estátuas dos deuses, transportadas por homens.

Passada a porta do Ocidente, entre os «cárcees», a procissão dá a volta à Esplanada onde, por entre fumos de incenso, foram depositas as estátuas dos deuses.

AS CORRIDAS DE CARROS

Para cada «facção» ou cor havia um cesto preparado. Para cada corrida o imperador tirava um nome do cesto: estavam assim designados os concorrentes. A «Aurigatio», ou corrida de carros, era anunciada por cavaleiros. Ao anúncio dos nomes dos concorrentes, as apostas cruzavam-se e o tumulto era indescrivível. Depois, todos se voltavam para os «cárcees» onde os concorrentes esperavam. De repente, os escravos abriam as portas e os carros precipitavam-se para a pista. Por vezes as rodas chocavam-se e o condutor, desequilibrando-se, rolava no pó.

Agitando no ar os panos das suas togas, os espectadores gritavam, rugiam e apostavam incessantemente. Primeiro corridas de bigas, depois de trigas e, para terminar, as trombetas soavam anunciando as quadrigas.

O dia avançava. O sol já ia alto. Vinham as corridas pedestres. Tudo isso levava ainda três horas. Estava-se a meio do dia. No entanto, os espectadores continuavam nos seus lugares, com receio de os perderem. E os vencedores chegavam com nozes, frutas, vinhos, bebidas, tudo muito caro.

OS COMBATES

O sol era cada vez mais forte. De tarde, começavam as corridas de cavalos, cujos cavaleiros eram antigos escravos libertos. Curiosamente, montavam um cavalo em pelo, levando outro ao lado. Corriam e voavam assim, debruçados sobre o pescoço da montada, saltando hábilmente de um cavalo para o outro e excitando-os com o chicote. Por vezes punham-se de pé sobre a montada a galope!

Finalmente, os arautos anunciavam os atletas.

Untados com óleo, ungidos de cera e cobertos de cinza cinzenta do Egipto, os lutadores saíam dos «cárcees». As flautas duplas que acompanhavam as lutas começavam a fazer-se ouvir, enquanto os atletas, curvados, de braços enfiados, se observavam. E os combates principiavam: os lutadores agarravam-se, apertavam-se. O vencedor só era proclamado após três combates consecutivos.

A plebe trepidava. Chegara a hora do «pugilato». Os pugilistas tinham surgido e os combates começavam. Os braços cruzavam-se, os punhos armados de «cestos» — pesadas luvas de couro guarnecidas de ferro ou de chumbo — desciam sobre os rostos. O sangue corria, a multidão uivava...

E tudo aquilo demorava até ao fim do dia, para recomençar na manhã seguinte e durante quatro dias inteiros!

AS CORRIDAS DE CARROS

CONFORME O NÚMERO DE CAVALOS, HAVIA: AS BIGAS, DE 2 CAVALOS (GERALMENTE UM NEGRO E UM BRANCO), AS TRIGAS, DE 3 CAVALOS, E AS QUADRIGAS, DE 4 CAVALOS. OS ECSEDÁRIOS ERAM GLADIADORES QUE COMBATIAM NUM CARRO



BIGA: 2 CAVALOS (UM BRANCO E UM PRETO)

TRIGA

QUADRIGA

ECSEDÁRIOS: GLADIADORES QUE COMBATIAM COM DARDO, TRIPULANDO UM CARRO

NO PRÓXIMO NÚMERO:

AS MINAS ONDE OS HOMENS TRABALHAM E SOFREM

VIAGENS em PORTUGAL



2 — PENAMACOR

Castelo Branco é vila... Castelo Branco é vila... Penamacor é cidade!

Assim cantam os de Penamacor, velha povoação da Beira Baixa, quando querem exaltar a sua terra.

E que velha, que nobre ela é! A sua fundação é atribuída aos rúrdulos, quatro ou cinco séculos antes da era cristã. No tempo dos romanos, dos godos e dos árabes, foi uma povoação importante. Depois passou às mãos dos portugueses e cresceu rapidamente. D. Sancho I deu-lhe o título de vila, com grandes privilégios.

E sabem uma coisa? Alguns escritores dizem que nasceu em Penamacor Vamba, o famoso rei godo que governou a Península desde 672 a 682. Outros afirmam que foi em Idanha-a-Velha.

Mas se há dúvidas quanto à terra de nascimento de Vamba, não as pode haver no que diz respeito ao grande sábio que foi António Nunes Ribeiro Sanches, célebre em toda a Europa do século XVIII tão célebre que, tendo a imperatriz Ana da Rússia pedido três médicos

que se tivessem distinguido pela sua sabedoria, um dos escolhidos foi Ribeiro Sanches. Mais tarde viria a ser primeiro médico da imperatriz e seu Conselheiro de Estado.

Pois António Ribeiro Sanches, que faleceu em Paris em 1783, nasceu em Penamacor a 7 de Março de 1693.

Venham agora daí se querem ver a antiquíssima capela, de S. Domingos, que fica a pouca distância da vila e tem uma lenda curiosa.

Diz essa lenda que um homem de Penamacor, muito devoto de S. Domingos, estava cativo em terra de mouros e fazia — naturalmente! — o possível por fugir. Mas, coitado dele, o mouro que o comprara tinha-o bem acorrentado, e à noite metia-o dentro de uma espécie de caixa, fechada a cadeado e em cima dessa caixa se deitava. Em resumo: nem o próprio Houdini, o rei da evasão,

dali conseguiria fugir.

Mas eis que, passados alguns dias, uma bela manhã o mouro, a caixa e o prisioneiro apareceram à porta da capela de S. Domingos.

Pasmado com tamanha maravilha, o mouro fez-se cristão e, tanto ele como o ex-cativo, empregaram o resto dos seus dias em serviço da ermida.

As armas de Penamacor ostentam, além de uma espada e da chave da vila, um crescente que indica ter sido povoação mourisca.

Penamacor dos nossos dias é uma vila clara, asseada e saudável, cujos habitantes se dedicam em grande parte à agricultura. O seu clima é um pouco excessivo — muito calor ou muito frio — mas o que há perfeito neste mundo?

E vamo-nos, rapazes, à nossa próxima excursão levar-nos-á a Ourique, linda vila alentejana. Adcú, velha Penamacor!

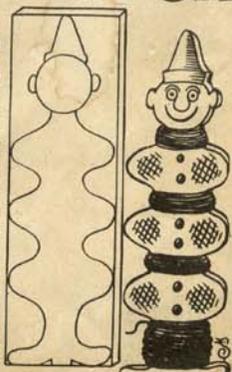
UMA ENGENHOCA

PARA OFERECER À MÃE

Nada difícil de fazer, esta bobina para linhas.

Arranjem um pedaço de contraplacado ou mesmo qualquer tábuca vulgar, desenhem nela a silhueta do boneco, como mostra a ilustração, e recortem-na à serra. Em seguida limem as arestas com um pedaço de lixa fina, para as tornar bem lisas. Depois desenhem a cara e o foto do boneco e pintem-no a esmalte.

Está pronto o homem — bobina que oferecerão à mãe para enrolar linhas de diferentes cores e qualidades. A prenda é modesta, mas nem por isso será — temos a certeza — menos apreciada.



FOGUETÃO

CIRCO MÁXIMO

- 1 - VIA APPIA
- 2 - DEL VERUM E TEMPLO DE MINERVA CATIVA
- 3 - MONTE COELIUS
- 4 - TORRE DE MARTE GRADIVUS
- 5 - PALÁCIO DE AUGUSTO
- 6 - CAMAROTE IMPERIAL
- 7 - TABUAS E ESTILETE
- 8 - ARCO TRIUNFAL
- 9 - PRECINÇÃO OU CAMINHO LATERAL
- 10 - PODIUM
- 11 - ESPINHA
- 12 - OBELISCO LEVADO DE HELIOPOLIS POR ORDEM DO IMPERADOR
- 13 - MARCOS OU METAISUBTERRÂNEO DEDICADO A MURCIA
- 14 - ARENA
- 15 - EURIPE. FOSSA COM ÁGUA DO LUPERCAL
- 16 - BARREIRA DE FERRO SEPARANDO O PODIUM DA ARENA
- 17 - BANCADAS
- 18 - TORRE
- 19 - CARCERES. ENTRADA E SAÍDA DOS CARROS
- 20 - ENTRADAS E LOJAS DE BEBIDAS
- 21 - QUADRIGA GUIADA PELO SEU CONDUTOR
- 22 - PUGILISTA
- 23 - ANUNCIADOR DOS GLADIADORES

O CIRCO MÁXIMO EM ROMA

NO ANO IV AC

OS JOGOS NO ANFITHEATRO

- A - BANCADAS
- B - PODIUM
- C - CENA DAS «CACAS»
- D - CRIMINOSOS LANÇADO ÀS FERAS
- E - GLADIADORES
- F - RETIÁRIO
- G - MIRMILÃO
- H - LANISTA OU MESTRE GLADIADOR
- I - MIRMILÃO FERIDO LEVANTANDO A MÃO
- J - SAMNITA VENCEDOR
- K - TRÁCIO VENCIDO PEDINDO MISERICÓRDIA
- L - «POLEGAR DESCIDIDA» GESTO QUE SIGNIFICAVA A MORTE
- M - PULVINAR OU CAMAROTE IMPERIAL





BP
SUPLEMENTO DO FOGUETÃO
BIP-BIP
N.º 1

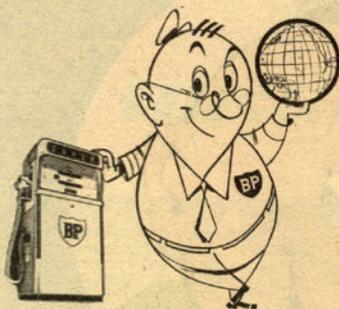
BIP-BIP
BIP-BIP
BIP-BIP
BIP-BIP
BIP-BIP

BIP-BIP... bip-bip... aparece hoje, oferecido a todos vós, jovens portugueses que gostam das aventuras emocionantes, das histórias construtivas, dos heróis que se parecem com vocês onde se espelham as vossas pequenas «partidas», frutos da idade.

BIP-BIP é feito expressamente para vossa diversão e cultura, trazendo-vos ainda a esperança de belíssimos prémios que vos serão entregues através de concursos absolutamente novos.

BIP-BIP é uma oferta da BP. Esperamos que vos agrade!

O HOMEM NÃO CONHECE AINDA O MUNDO QUE HABITA



PESQUISAS recentes revelaram que há 6 mil anos antes da nossa era já existia na bacia do Eufrates uma brilhante civilização. A raça suméria, como lhe chamavam, conhecia a escrita, tinha uma organização política e artes muito avançadas.

Contudo, os antigos imaginavam o nosso velho planeta sob a forma duma esfera semi-oca, cujo exterior, a parte sólida, era ocupada pela homem que estava rodeado de oceanos. A abóbada que o envolvia era o Céu; no outro lado do planeta estavam os infernos.

Esta noção rudimentar da estrutura do globo terrestre alargou-se pouco a pouco graças às viagens empreendidas pelos destemidos mercadores que desempenharam o papel dos primeiros exploradores. A expansão do seu comércio ia definindo regiões e provocando encontros consecutivos de raças.

Navios fenícios foram além das colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar). Ainda antes de Alexandre o Grande, as caravanas alcançaram a Índia por terra e muitos séculos mais tarde os Vikings, saindo da Groenlândia, alcançaram as costas do Canadá.

Cerca do ano 1300 o veneziano Marco Polo atravessou a Ásia pela Mongólia e China e voltou à Itália pela Sumatra.

Mas foi só no fim do Século XV que começaram as grandes expedições marítimas que iriam permitir que se completasse melhor o conhecimento do nosso mundo. O Infante D. Henrique foi o inspirador dessas jornadas extraordinárias para a época. Portugal, no extremo da Europa, faz-se ao mar, e os

seus marinheiros vão até onde nunca os europeus haviam ido. O mundo inteiro se agita e uma sede de descobertas territoriais avassala os reinos.

Cristóvão Colombo, sob a égide dos Reis de Espanha, chega até à América, o Novo Mundo. Vasco da Gama descobre o caminho marítimo para a Índia e Pedro Álvares Cabral, o Brasil.

Vasco Nunes de Balboa chega até ao Pacífico e Fernão de Magalhães realiza a primeira viagem de circunnavegação.

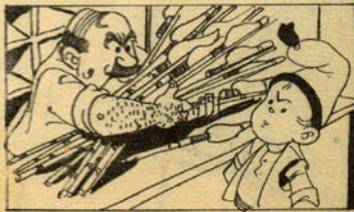
Em poucas décadas o mundo definiu-se de uma maneira muito diferente.

No século XVIII o inglês Cook e o francês La Perouse abrem caminho às viagens científicas, revelando ao Mundo as Ilhas da Poli-

nésia, a Nova Zelândia e a Austrália. Em cada época centenas de outros seguiram estes pioneiros.

Podia pensar-se que no século do avião super-sónico, quando o homem principia já a caminhar para o espaço, já não existisse um único ponto do globo que não tivesse sido explorado pelo homem. No entanto, ainda hoje há locais inviolados que se oferecem à coíça dos aventureiros e dos investigadores.

Citamos apenas um: o Mato Grosso, no Amazonas, onde a floresta virgem povoada de insectos transmissores de febres e caçadores de cabeças, se encontra ainda nos nossos dias estranhamente protegida pelo seu mistério.





O PETRÓLEO EM SEIS IMAGENS

É já no próximo número que vos indicaremos a data e o cinema onde se realizará a 1.ª sessão de cinema BIP-BIP, bem como o modo de obterem os vossos bilhetes.

Mas, para já, podemos dizer-vos o programa que será constituído pelos seguintes filmes:

«Na Rota do Progresso» — (Desenhos animados sobre a história dos petroleiros).

«Diavolezza» — (uma magnífica história cuja acção decorre na Suíça).

«História e Evolução da Carruagem sem Cavalos» — (Desenhos animados sobre a história do automóvel).

«Homenagem a Fangio» — (Documentário sobre a vida do famoso corredor de automóveis).

«Avante com o arado!» — (Desenho animado sobre a história da agricultura).

A sessão terá lugar num Domingo de manhã... e com ela virá o 1.º concurso-relâmpago de «BIP-BIP».

«QUE VISTE TU?»

Cada um de vocês envia-nos depois da sessão, um texto sobre os filmes (ou filme) que viram, com a vossa opinião, comentários e, sobretudo, com a ideia que ficaram a fazer de cada tema apresentado.

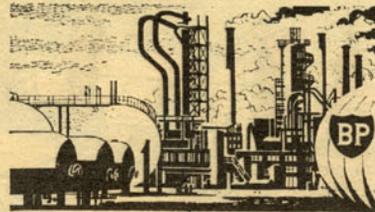
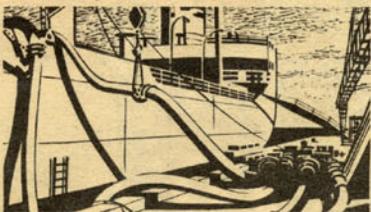
A melhor opinião e a melhor redacção têm como prémio livros de estudo ou obras literárias do melhor quilate.

É só escrever esses textos e mandá-los, devidamente assinados com o vosso nome e indicando a morada, para a BP — Avenida da Liberdade, 192 — Lisboa — Concurso «Que viste tu?» — Bip-Bip.



Para as mais inhóspitas e longínquas regiões da Terra são enviados os técnicos que, por processos especiais, estudam o sub-solo e avaliam as condições de existência de petróleo.

Erguem-se depois, nos campos de exploração, os longos perfis das torres que encimam os poços. Faz-se a perfuração da terra e a extracção do produto.



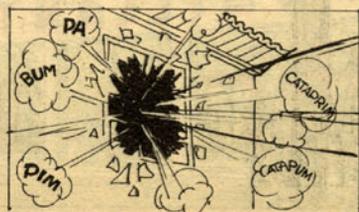
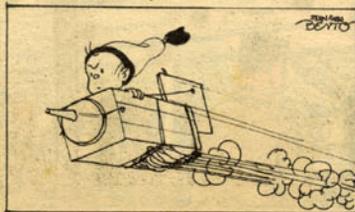
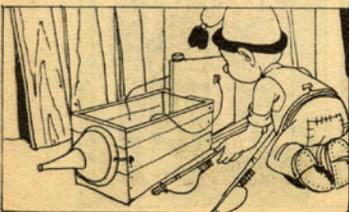
E os petroleiros, recebendo o petróleo bruto de «pipe-lines», (condutas de petróleo) que muitas vezes atravessam extensões de centenas de quilómetros, levam o precioso líquido através dos mares até...

...as Refinarias, onde o produto sofre as alterações e as transformações necessárias. O Petróleo, do latim *petra* e *oleum* (óleo de pedra), sai dali já com novos nomes e para os mais diversos campos.



Nos laboratórios os cientistas estudam constantemente as aplicações e desenvolvimento dos produtos derivados do petróleo. Actualmente a influência do petróleo é notável no automobilismo, aviação, usos domésticos e industriais, agricultura, fabrico de plásticos, medicina, etc.

Depois dos geólogos, dos técnicos, dos exploradores, dos marinheiros, dos cientistas, toda uma gama de raças que se encontra ao serviço da indústria, vêm os últimos «homens do petróleo», os que preparam a sua distribuição em todo o Mundo.



O CIRCUITO FANTÁSTICO



NESTA MANHÃ DE FIM DE VEJÃO NOTRE-DAME DE PARIS, BRUQUE AS SUAS TORRES NO CÉU AZUL, PARA AS OFERECER A CARÍCIA DO SOL... A SEUS PÉS, O SENAL CORRE SEM CUIDADOS, IGNORANDO A VIDA TUMULTUOSA DA CIDADE...

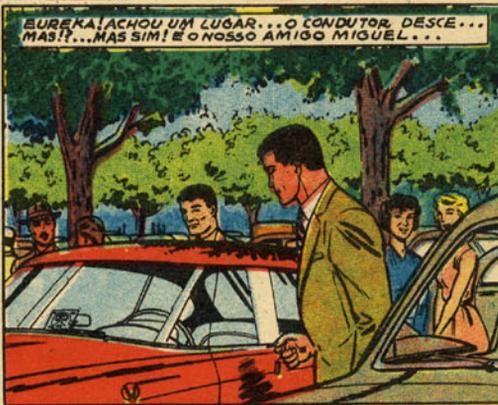


Copyright by les Editions du Lombard-Bruxelles-Belgique

NO CORAÇÃO DA CIDADE, REINA JÁ A BARAFUNDA! SÃO 9 HORAS E CADA UM CORRE PARA ASSUAS OCUPAÇÕES, NO RIO DE CARROS UM VAILLANTE INFILTRA SE ANÔNIMO...



PROCURA ARRUMAR-SE SOBRE UM DOS PASSOS DOS CAMPOS ELISEOS, COM UM POUCO DE SORTE...



EUREKA! ACHOU UM LUGAR... O CONDUTOR, DESCE... MAS!... MAS SIM! É O NOSSO AMIGO MIGUEL...



PORQUE, E ISTO VOCES NÃO SABIAM, A ACTIVIDADE DESTE SIMBÓLICO CAMPEÃO NÃO SE LIMITA ÚNICAMENTE AS CORRIDAS DE AUTOMÓVEIS... ELE DIRIGE OS SERVIÇOS DE PRODUÇÃO E PUBLICIDADE DA FIRMA VAILLANTE. ALÉM DISSO, EXCELENTE JORNALISTA, É O EDITOR DA REVISTA DA MARCA: "ESTRADA E DESPORTO".



E A ALTURA DA SUA VISITA MARITAL A SALA DE EXPOSIÇÃO...

CONTINUA